

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO | ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
ORIENTADO POR PROF. CREMILDA CELESTE DE ARAUJO MEDINA

PEDRO COSTA LOBO

CONTINUAÇÃO DE UM SONHO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

Pedro Costa Lobo

**Continuação de um sonho
Histórias de vovô da migração Bahia-São Paulo na década de 1970**

SÃO PAULO
2023

PEDRO COSTA LOBO

**Continuação de um sonho
Histórias de vovô da migração Bahia-São Paulo na década de 1970**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Departamento de
Jornalismo e Editoração da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo (ECA USP)

Orientadora: Prof^a Dr^a Cremilda Celeste de
Araújo Medina

São Paulo
2023

“Eu sou a continuação de um sonho
Da minha mãe, do meu pai, todos que vieram antes de mim
Eu sou a continuação de um sonho
Da minha vó, do meu vô, quem sangrou pra gente poder sorrir”

- Abebe Bikila Costa Santos

Sumário

APRESENTAÇÃO PARA AS VISITAS.....	7
ABRAÇOS E AGRADECIMENTOS.....	10
VOVÔ COM A PALAVRA.....	12
Explosão dos canteiros de obra na Cidade Universitária.....	16
TRAÇOS HERDADOS.....	17
ORIGENS MAIS ALÉM.....	19
APROVEITAR AS PESSOAS ONDE ELAS GOSTAM DE ESTAR.....	20
NÃO VOU FICAR AQUI.....	23
Migrações e ascensão social nos anos 1970.....	27
ELES TINHAM MEDO DE MIM.....	28
Demissão e greves no país militarizado.....	31
ABELHUDO, MAS DE FILHOS ESTUDADOS.....	32
O LOBO E A LOBINHA.....	34
VOVÔ AVISOU: NAMORO É PARA CASAR.....	37
NOSSOS CADERNOS? SEMPRE ENCAPADOS.....	40
ESTUDO SEMPRE FAZ FALTA, FILHO.....	41
Baixa escolaridade era padrão nos imigrantes.....	42
AUTOESTIMA DE BAIANA E DE BAIANO.....	43
“SE VOCÊ É BURRO, EU NÃO SOU.”.....	44
Nas décadas da migração, cresceu a desigualdade social.....	47
SE ELE TEM, ELE DIVIDE.....	48
A CASA DO IMIGRANTE NO JD. JOÃO XXIII.....	50
FILHO DE POBRE SECA FRALDAS NA TÁBUA DE PASSAR.....	51
VISITA A BAIXA GRANDE.....	53
Transporte rodoviário assume a jornada dos imigrantes.....	54
PAI, FAZ UM CARINHO PARA MIM?.....	55
CONFRONTOS DIRETOS NAS DIRETAS JÁ.....	57
Diretas Já mobilizaram o país, mas caíram na Câmara.....	57

CONSTRUTOR DE MANSÕES.....	58
IZAÍAS PAI OU EMPRESÁRIO?.....	62
TRAÇOS NEGROS DE UM HOMEM.....	63
A IDADE CHEGA E COMPLICA TUDO.....	66
SE ELE QUER, ELE FALA.....	68
TIO JÓ, COMPANHEIRO DE UMA VIDA.....	69
MAMA COM A PALAVRA.....	71
As importantes redes sociais.....	76
IRRITAÇÕES DE UMA BUCHA DE PIA.....	77
PAPAI, MISSÃO CUMPRIDA.....	80
AO FINAL, MAIS PERGUNTAS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85

Apresentação para as visitas

Em algum dia dos primeiros meses de 2016, quis visitar o vovô Severino, pai da minha mãe. Era um dia de semana, saí da escola às 16h, matei a fome quando cheguei a casa e mamãe se ofereceu para me levar no percurso de 15 min com carro. Foi uma das últimas, talvez a última vez, em que vi Vovô. As dificuldades da doença de Chagas — comum para quem dormiu em casa de taipas, quando mais jovem — o levaram em fevereiro daquele ano. Ele tinha 69 e eu 15 anos, começava o segundo ano do Ensino Médio.

Naquele fim de tarde e início de noite que o encontrei, sentamos no sofá da sala e fiz todas as perguntas que eu queria: da vinda dele de Itapetim (PE) a São Paulo, nos anos 1970; da família que ele tem em Brasília, também fruto de migração; de como ele começou a torcer pelo Santos (foi pelo encanto em chegar no estádio do Pacaembu e ver Pelé jogar). Já não me lembro mais de grande parte dessas respostas, perdidas na memória, mas minha visita era nesse objetivo, de ouvir todas as histórias. Cogitei gravar nossa conversa, desisti logo depois, e acho que me arrependo.

Muitas daquelas perguntas feitas para o vovô Severino voltam nesse projeto que você tem em mãos: uma biografia de vovô Izaias, pai do meu pai. Agora, devidamente registradas e guardadas para o futuro. A ideia inicial não foi minha, mas dele, que me puxou de canto no meu primeiro ano da faculdade de jornalismo, em 2019, com o pedido: Filho, quero escrever um livro contando a minha história. Você me ajuda? Claro que ajudo. O tempo passou, naquele vamos marcar que nunca chegava, postergando pelo tempo que nunca sobra, até que no retorno da pandemia da Covid-19 decidi o plano de ação que tornaria esse objetivo em realidade: transformá-lo em meu projeto de TCC.

Meu avô sempre escreveu cartas, apesar dos poucos anos que pôde ir à escola. A ideia dele era escrever sua biografia de próprio punho, coisa que acabamos não levando para frente, mas que ainda acho lindo que aconteça. Essa aqui é uma homenagem, um presente para ele, ao mesmo tempo que um desafio para mim: a responsabilidade de contar, jornalisticamente, uma história que completa 75 anos em 28 de setembro de 2023. Vovô se orgulha de lembrar de tudo que aconteceu em sua vida desde os dois anos de idade, algo que infelizmente não caberia em

páginas. O que coube, e me esforcei para fazer caber, é a essência e complexidade dessa pessoa, que amo há 22 anos. A mesma idade que ele tinha quando chegou em São Paulo, na decisão que mudou o futuro da nossa família inteira.

Diante da suposta imparcialidade exigida do jornalismo, aqui entrevisto meu avô, avó, pai, tio e tias, pessoas que me receberam em casa com lanche da tarde, janta, bolo de cenoura e muitos abraços. Numa missão jornalística, de retratar a realidade e o maior número de aspectos possível do tema, mas esquivando do narrador isento e onisciente em terceira pessoa. O mais ético e eficiente para essa história é que o leitor saiba logo de cara minha relação íntima com a narrativa e as pessoas envolvidas nela. Em *Entrevista: O Diálogo Possível*, livro escrito pela professora doutora Cremilda Medina e que fundamenta as técnicas aqui utilizadas, um dos pilares para a entrevista é o encontro com o Outro e o estabelecimento de uma relação de estar afeto ao Outro. Nessa medida, já era meio caminho andado conversar com pessoas que já admiro há muitos anos, conheço como poucos e ajudaram a trocar minhas fraldas. Em minhas conversas com Vovô, os momentos que menos fluíam eram aqueles em que ele pretendia se dirigir a um desconhecido, um terceiro que poderia vir a ler sobre sua história. Os que mais fluíram foram conversas de avô e neto, repletas de afeto.

Minhas maiores dificuldades neste percurso estiveram no apego. Entender que histórias fazem sentido para meu objetivo, de tratar da essência deste personagem, e quais eu apenas gosto muito por envolverem pessoas que conheço e tenho interesse em especial. Durante as entrevistas, ouvi frases parecidas com: Não vai botar isso no livro hein, vai causar intriga de família. Meio em tom de brincadeira, meio sério. Algumas brigas optei por comprar, com consentimento dos envolvidos, se necessário; e outras quebrei a cabeça para entender se valiam a pena. Para esses dilemas, ficou marcada na cabeça a frase da professora Cremilda, que me orientou em todo o percurso: Essa não é uma autobiografia, Pedro, você que é o autor e construtor dos sentidos.

Este não é um trabalho de assessoria de imprensa, não foi feito para transmitir a um público a imagem que meu avô quer que exista sobre ele — as visões de esposa e filhos mostram isso. Até por este motivo, foram feitas entrevistas individualizadas, para garantir que os entrevistados estivessem livres de censura por

constrangimentos familiares. Ainda assim, quero que Vovô goste, que leia e receba das minhas mãos um exemplar deste livro, feito com muito carinho.

Aqui, a introdução vem antes dos agradecimentos. Pelo simples fato de que, ao ler o nome de meu avô Severino Costa Filho, pai de mamãe, quero que o leitor entenda com propriedade que este é um livro também feito em homenagem e dedicado a ele. Meus avôs foram amigos, saíram da Bahia e de Pernambuco em momentos parecidos; trabalharam no mesmo período na construção da Cidade Universitária, início dos anos 1970, a alguns canteiros de distância, e só viriam a se conhecer na década de 80, numa loja de tintas sobre a qual você lerá mais para frente. Ergueram com as próprias mãos e cabeça boa parte das casas e edifícios que cobrem a cidade e o estado de São Paulo. Não fosse a vontade do destino, em 2016, poderia ser até um livro de dupla, essas duas histórias, por que não? Mas a vida seguiu outros caminhos. Durante a escrita deste livro, sorri ao encontrar coisas em mim que herdei do Vovô e de quem veio antes dele, foram muitas descobertas. Esse projeto é um convite para nossa casa, nossos abraços, as incontáveis cidades baianas que meu avô conheceu, as inúmeros obras que ergueu, o lar que ajudou a construir, a influência que um pai tem sobre os filhos e as dificuldades que toda convivência entre pessoas inclui. Bem-vindos.

Abraços e agradecimentos

Meu primeiro e mais demorado abraço é para meus vovôs e vovós: Izaías e Mama, Severino e Lourdes, dentre os mais carinhosos e os que mais acreditam em mim. Corajosos por terem sonhado e conquistado o que nós vivemos hoje. Sou um orgulhoso neto do Nordeste, de Bahia e Pernambuco, Pataíba/Baixa Grande e Itapetim. Herdei muito de vocês.

Em especial, Vovô Izaías por ter passado tantas horas comigo, sempre com abraço e beijo, me dando a oportunidade de mergulhar e escrever sua história. Ouviria suas histórias para sempre. E ao Vovô Severino, sigo sendo seu gato e na certeza de que as orações que você me pediu, pelo seu coração, deram certo. Nunca vou me esquecer das nossas conversas no ônibus, sentados no banco ou nos degraus. Como diria mamãe, aquele negrão não era brinquedo, não.

Mamãe e papai, Simone e Joaquim, sei que o carinho de vocês é eterno. Essa é uma conquista nossa e agradeço por tudo, sem vocês nada disso seria sonhado. E João, o irmãozinho que jamais será mais alto do que eu, sempre me surpreendo com o quanto a gente dá certo. Obrigado por estar comigo, seguimos rindo e nos apoiando, sempre juntos.

Professora Cremilda Medina, das orientações mais carinhosas e cheias de afeto. Agradeço por puxar minha orelha quando eu estava travado e preguiçoso; e também quando me emocionou com os elogios. Aprendi muito e saio deste trabalho mais confiante e apaixonado pelo jornalismo, nossa arte querida. Obrigado por ter compartilhado suas boas memórias comigo, ser orientado por uma vovó incrível foi essencial para que pudesse contar as histórias de vovô. Quero continuar sério e estudioso.

Gabi, a pretinha que esteve comigo em todas as crises e alegrias deste trabalho — e de tantos outros — sou muito grato.

Bru, May, Mamanda e Pedrinho, que tornaram a graduação mais doce, as tardes mais memoráveis e os trabalhos mais fáceis. E Malu, pelo apoio sempre sincero.

Jornalismo Júnior, a maior escola deste departamento, à qual dei horas de dedicação e recebi tudo triplicado. E aos jotanos, em especial a gestão de 2020 e

nosso Adm: Cat, Dani, Gabi, Lê e Ma, tenho muito orgulho do que fizemos. As que me adotaram com o maior dos abraços, Beatriz e Bianca. E ao que adotei e devolveu carinho maior do que eu merecia: Pedro Gui, que estará sempre comigo.

Diadi, você que foi sempre mãe, avó e amiga. Se estou aqui, é por sua causa. Te amo e nossas tardes com Tio Jó jamais serão esquecidas.

Meus tios, primos, tios-avôs e tias-avós, toda a família que torceu por mim. Em especial aqueles que reservaram seu tempo para que essas histórias pudessem ser contadas.

Jotinha, meu amigo de longa data, e todos os outros que dividiram comigo, agradeço de coração.

Aqui, abraço também Emily Macedo Santos e Lucas Ferreira, responsáveis por diagramação e arte, respectivamente. Obrigado por comprarem a briga, o projeto, e fazer este sonho de família ser possível.

Vovô com a palavra

Eu quero que você puxe a reza, filho. Marinalda vai começar a oração, mas antes que você faça os agradecimentos (*pediu-mandando vovô Izaias, me puxando de canto já com a roda cristã semi formada*). Eu não vou falar porque eu estou muito emocionado, não vou conseguir falar que eu logo choro. (*Vovô anunciou aos convidados, com bochecha, olhos e nariz vermelhinhos das lágrimas. Pedido de vô não se nega, pedido de aniversariante não se nega, pedido de vô aniversariante agora de 74 anos completos não se nega. Ajuda! Meu pai confessa que nunca foi bom nisso de puxar reza. Tia Rita sempre foi boa, catequista de chuteiras penduradas, ela não vai poder me ajudar, já está todo mundo de mãos dadas, círculo fechado. Não tem ajuda. Vovô quer que eu faça e improviso pelo dever. Vovô Mama — pra mim é só Mama mesmo, nome que surgiu em algum lugar do tempo e herdei de papai — ri envergonhada de algo que eu disse sobre muita comida na mesa. Não sei se era pecado; a mensagem era só de estar muito muito feliz de encontrar tios, primos, tios-primos, tias-avós, um abraço depois de dois anos — ou dois mil, para ser mais exato— de pandemia e distância.*)

Filho, ainda bem que a gente não perdeu ninguém pra essa peste, todo mundo reunido de novo (*um abraço de mais lágrimas do aniversariante, seguido de anúncio de festa inteira*). Eu tive a ideia de contar a história da minha vida, já vivi tanta coisa. Quando descobri que a gente tinha um jornalista, chamei ele e agora está decidido. Estamos produzindo e vai sair um livro da minha história. (*Que legal: ouvimos ali no fundo*). Eu sei que Jozinho também quer falar umas palavras pra todos. (*O sobrinho de Vovô, filho de Tio Jó, toma a palavra:*) o que eu tava falando pro tio é que, se não fosse ele, nada disso estaria acontecendo. A gente estaria no máximo comendo calango frito com farinha, carpindo lote. Quem aqui teria coragem de abandonar tudo no seu estado para tentar a vida num lugar que você não conhece nada? Foi o que ele fez e hoje a gente está aqui (*Vovô se satisfaz com a descrição de Jozinho, voltando para seu anúncio*): Já contei pro Pedro, essa minha vida tem três partes: a infância até os 15, quando saímos de Pataíba pra Baixa Grande, ainda na Bahia; disso até os 21, quando resolvi vir da Bahia para São Paulo; e de lá até os dias de hoje que a gente está vivendo. (*Vovô quer ouvir mais gente, pessoas que fizeram parte dessa história, e a memória é um problema. Não a dele, que se orgulha de lembrar de tudo que aconteceu desde os dois anos de idade, mas dos irmãos*). É

impressionante, lembro de tudo. Agora, dizem que memória de Jó está ruim que só vendo, quando ele chegar quero ver se ele lembra de ter apanhado de Zete, vou pedir pra ele te contar.

(Depois de uns momentos de inexpressão do tio Jó, a lembrança vem com uma risada) Lembro: Eu tinha uns quatro anos, Zete pegou a coronha da espingarda e deu na minha cabeça. (A bisa, mãe de vovô, viveu com Alzheimer por muito tempo, até descansar aos 97. Os detalhes da surra não vêm da boca de Jó, a vítima, mas de Izaias, testemunha e dedo duro). A gente usava espingarda pra caçar bicho no mato, rolinha, codorna, em Baixa Grande tinha muito veado também, Jó que adorava. Papai devia ter trocado a coronha e ter deixado de lado, aí Zete e Jó estavam brigando sei lá por que, ela pegou e deu na cabeça dele, que caiu de boca no chão. E eu saí gritando: MAMÃE, MAMÃE. (Alguns dias após o aniversário, voltando de mais um de seus médicos, Vovô me encontrou de novo, quis contar que a irmã voltou a afrontar:) Zete esses dias estava agressiva, ameaçando matar os cachorros da filha, deu uma vassourada na cadeia da vizinha que abriu a cabeça e tudo. Me chamaram pra falar com ela, passei uns conselhos e ela deu uma acalmada. (Dos seus irmãos, Vovô é o terceiro mais velho, atrás de tia Zete e de tio Jó. Uma das primeiras coisas que fez chegando em São Paulo, depois de um pouco estabelecido, foi trazer o irmão para cá também, 74 anos juntos. 84 dias depois daquele aniversário, da lembrança da bofetada com cabo de espingarda entre irmãos, tio Jó morreu. Muitas lágrimas movidas de sobrinhos, filhos, amigos, irmãos, esposa e até do céu nublado naquele domingo de Natal, 25 de dezembro de 2022. A máscara, que cobria nariz e boca, deixava desprotegidos os olhos vermelhos de alguém que perdeu o irmão. Câncer de pâncreas com metástase, silencioso enquanto não vira grave. Ao chegar no Hospital Universitário da USP, quando enfim a família conquista uma internação, são duas semanas de filhos insones, dor, cirurgia meses atrasada, morfina e, por fim, um descanso. Izaias, que viu enterrados mãe, pai e agora irmão, me abraça em meu primeiro enterro presenciado. Dali a três dias, tínhamos marcado uma visita a alguns passos do centro hospitalar: uma ida ao primeiro dos numerosos prédios que meu avô ajudou a erguer nessa cidade, um dos institutos da Universidade de São Paulo. No telefonema da noite anterior, antes que eu pudesse sugerir cancelar ou postergar — medo de que não houvesse clima para visitas ao passado — ele se antecipou.)

Estou bem, fio, vamos sim.

Em 1971, eu tinha chegado em São Paulo fazia quatro dias, e estava hospedado na casa de Irineu, tio de sua avó Maria. Fui caçar serviço numa obra lá perto, no Rio Pequeno, não estavam pegando. Vim na Cidade Universitária para uma vaga de pedreiro, mas com carteira de trabalho branca eles não pegavam, só para carpinteiro. Então está certo, peguei e registrei minha carteira dia 14 de julho de 1971. No primeiro dia, fiquei com um medo... (*a risada surge enquanto olhamos o colosso de concreto, construção de uns quatro ou cinco andares*). Medo dessa altura aí, nunca tinha feito nada tão alto. (*Nesse momento, Juca, meu pai engenheiro civil, faz uma interrupção teórica, como adora fazer:*) Hoje, qualquer altura acima de dois metros obriga a empresa a fornecer cinto de segurança, naquela época não tinha nada disso, era você e sua coragem. Se acontecesse alguma coisa, o INSS — Instituto Nacional do Seguro Social —, que na época nem se chamava INSS, que arcava com o prejuízo.

(*Vovô volta a lembrar da construção*) Olha o tamanho desse prédio, só nessa obra tinha mais de 400 pessoas trabalhando, tudo nordestino. E você imagine o seguinte: acabava o almoço, você arranjava uma madeira por aí pra deitar, 400 pessoas e você não conhecia ninguém... é fácil? Você faz amizade com uns, mas era muito pião esparramado, eu contava os minutos pro almoço acabar. E ainda tinha gente que roubava mistura da marmita, que a gente esquentava numa chapa dentro de um caixote, aquecido com areia por cima. (*O olhar de Vovô sobe e volta para a construção de pilares complexos, em formato de ampulheta*). Bem feitas as fôrmas hein? Mas está judiadíssimo (*Vovô ri satisfeito com o próprio trabalho e insatisfeito com a manutenção 51 anos depois. A função como carpinteiro era fazer as fôrmas de madeira que, com as ferragens e concreto, viram as pilastras que percorrem a fachada do instituto e o fazem ficar de pé. Mais uns passos e vemos a placa que dá nome à construção, o Instituto de Ciências Biomédicas.*)

Um dia veio o presidente da República visitar as obras (*Vovô conta na maior naturalidade, tentando lembrar quem era o militar da vez*). Quem que era naquela época? Acho que o Médici né... E baixou o exército aí de manhã, não sobrou uma moita de capim inteira, que eles amassaram tudo para ver se tinha bomba (a

(lembrança o diverte). Eram muitos seguranças, nem dava pra ver ele de perto, só a quebradeira do mato... e até para a gente entrar e trabalhar foi complicado nesse dia. Você imagine, naquela época, o que tinha de obra aqui na Cidade Universitária. Quanta obra, obra, obra e quanto roubaram aqui, era uma maracutaia, uma safadeza. Pra você ter uma ideia, um cara machucava aqui, ia para o seguro e recebia dobrado, da empreiteira e do seguro, porque a empresa recebia o dinheiro da administração da USP e do governo do estado proporcional ao que era gasto com os funcionários, então não era interessante para eles o profissional ficar afastado. A ideia é que, comunicando a administradora sobre o cara fora, a empreiteira perdia dinheiro. (*Nas etapas decisivas das obras, intendentes da Universidade de São Paulo iam aos canteiros para dar seu OK no que vinha sendo feito e autorizar prosseguimento para fases seguintes. Um dos orgulhos de Vovô é ter enfrentado erro deles, numa coragem aos 23 que para ele era coisa comum.*)

Passados uns meses nessa obra da Cidade Universitária, veio um encarregado do Rio de Janeiro justamente no setor onde eu estava. Lá era uma obra enorme, tinha vários encarregados. Chegou numa reunião, ele falou que eu era o melhor carpinteiro que ele tinha, tiraram tanto sarro, riram da cara dele, eu estava começando... como que eu podia ser o melhor? Mas o velho me deu uma confiança danada. Um dia, estavam prontas as fôrmas, liberado para entrar as ferragens, e vinham três fiscais, três Cabeças Brancas da USP, para conferir as coisas. A hierarquia era pela cor do capacete, o meu e dos outros carpinteiros era azul, de ajudante era vermelho, pedreiro de amarelo, encarregados, mestres de obra, engenheiros e fiscais de branco. Chegaram, passaram a linha e já falaram: essa laje está fora de nível. Como é que é?, passei a linha de um ponto a outro, o ponto deles que estava torto. Falei. Os carpinteiros ao lado ficavam incrédulos - você vai falar mesmo que o ponto deles está errado?, diziam boquiabertos. Está. Buscamos o nível e estava errado mesmo, eu estava certo. Contestei os Cabeças Brancas da USP e ganhei (*Vovô ri orgulhoso.*)

A partir dali o velhinho que me protegia ficou com toda a moral né, que eu sabia das coisas. (*Na minha orelha de neto, vem uma pulga - pô, era seu primeiro emprego aqui, você não tinha medo de te mandarem embora? A resposta dele vem sem pestanejar*). Você tem consciência do que você faz, Pedro, tem que fazer e acreditar. (*Já no estacionamento, caminho de volta da visita, Vovô relembrava um*

arranca-rabo de trabalho, quando os olhos brilharam e uma história bateu na ponta da língua. Sorriu) Jó também arranjou encrena numa obra ali na Praça Buenos Aires, Rua Bahia. Todo meio dia, quando a gente ia almoçar, acabava a água, todo meio dia. E Jó descobriu que era o encarregado que fechava o registro, bem na hora do nosso almoço. Ele descobriu e abriu o registro, xingou, falou um monte pro cara (o temperamento ácido do irmão, mesmo anos antes, ainda gera gargalhadas e um sorriso), Jó era encrenqueiro pra burro.

(Para essa história de Vovô, além dos encontros em família, encontrei dados e fontes especializadas para entender como o momento do Brasil afetou essa trajetória, e vice-versa. Ao longo do livro, você encontra algumas adições fruto dessa pesquisa:)

Início da década de 1970 foi momento de explosão dos canteiros de obra na Cidade Universitária

Os estudos para a construção da Cidade Universitária existiam desde 1935, um ano após fundação da USP (Universidade de São Paulo), que reunia as já existentes Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; Faculdade de Medicina; Farmácia e Odontologia; Faculdade de Medicina Veterinária; Escola Superior de Agricultura e Escola Politécnica. A USP também era composta pelas recém criadas Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; o Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais; e a Escola de Belas Artes, além de outros dezoito institutos.

O terreno de 200 alqueires paulistas, cerca de 484 hectares, em parte retirado da Fazenda Butantan, passou a receber alguns departamentos a partir da década de 1940. Os períodos mais intensos de obras, no entanto, acontecem em quatro fases, dependentes das ondas de investimento público: de 1951 a 1953; de 1960 a 1963; de 1969 a 1973, quando nove unidades foram criadas, incluindo FFCL (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), IP (Instituto de Psicologia), FE (Faculdade de Educação) e IF (Instituto de Física); e 1988 a 1991.

A construção do edifício Biomédicas II, em que Izaías Lobo trabalhou entre junho e setembro de 1971, se deu após a reforma universitária de 1969, que dividia a FFCL em oito institutos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Biociências, Física, Geociências, Matemática e Estatística, Química, Psicologia e Ciências Biomédicas, o ICB. O prédio pertencente ao ICB abriga, desde 1985, o Departamento de Microbiologia. Ao todo, o instituto tem sete departamentos e ocupa quatro prédios na Cidade Universitária.

O relato de proximidade da ditadura civil-militar (1964 - 1985) à USP remete a um período em que o regime se manteve atento à instituição. Um ano antes de visitar as obras do Instituto de Ciências Biomédicas, o então presidente Emílio Médici (1969 - 1974) esteve na inauguração do prédio da FEA (Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade). À época, o reitor era Miguel Reale, cuja gestão foi marcada pela criação da Aesi (Assessoria Especial de Segurança e Informação), órgão que teve como objetivo “realizar triagem ideológica de alunos, professores e funcionários”, que resultou em prisão, morte, desaparecimento, privação de trabalho, proibição de matrícula e interrupção de pesquisa acadêmica na instituição, como revelou relatório final da Comissão da Verdade da USP, disponível na íntegra no site da instituição. O documento ainda aponta que, dentre os 434 mortos pelo regime, 47 deles estavam relacionados com a Universidade de São Paulo.

Traços herdados

(Voltamos pra casa. Ao contar sua história, Vovô faz questão de ser cronológico, começar do começo, nas palavras dele.)

A primeira parte seria me identificar, data de nascimento e filiação... Nome: Izaías Lobo. Filiação: Joaquim Lobo Sobrinho e Firmina Pedreira Lobo, meus pais. Nascido na Fazenda Pau Ferro, distrito de Pataíba e município de Irará, Bahia. Data de nascimento: 28 de setembro de 1948 (*coisa que consta no Registro Geral e nos*

demais documentos dele. O que não consta, mas vai ser um dos primeiros fatos que ele te conta caso você sente para ouvir, é a história de uma jumenta em específico, seu primeiro negócio.)

Eu tive uma vida de roça, cuidando de criação de gado e ovelha... e sempre gostei de animal. Numa época de seca, tipo de evento que fica muito marcado para quem vivia ali, papai pegou emprestado uma jumenta para carregar água da fonte até em casa. (*Pequeno Izaías, de sete anos nem completos, se apegou nela. O carinho foi tanto que a chuva voltou, o proprietário cobrou a jumenta de volta e nada do garoto querer devolver, de jeito nenhum, bateu o pé. Joaquim, o pai, chamou de canto o pequeno: vai fazer um acordo então*). Meu pai me deixou fazer meu próprio negócio, troquei ela por quatro carneiros (*a articulação rende uma risada satisfeita*). Comprei e ela acompanhou toda minha trajetória, ia sempre montado na minha jumenta até os 14, quando mudei para Baixa Grande. A primeira cria dela foi em 3 de agosto de 1955. Minha irmã Zezé nasceu dia 2 e, nesse dia 3, com mamãe ainda em cima da cama, peguei o jumentinho no colo e levei até o quarto para ela poder ver (*a memória faz cócegas no riso. Lembrar de uma jumenta que teve aos sete anos falando de uma vida de 74 pode parecer só curiosidade, fato meio ordinário, mas no que diz Vovô foi ali o início de sua Vida*). Meu pai foi muito aberto. Quando eu tinha onze anos, a gente estava sem dinheiro, tinha que vender alguma coisa e papai foi pedir minha opinião. Falei que era melhor vender uma vaca, dava mais dinheiro, e ele seguiu meu conselho. Pra você entender a importância da participação, eu com aquela idade, criança, e meu pai sempre me consultando. Apesar de não ser o primeiro, mas o terceiro filho, eu convivi muito com meu pai e essa vivência entre nós foi muito importante na minha vida, pra tudo que eu tenho e tudo que eu sou. Ele sempre me deu essa oportunidade. Muitos me questionavam por não ser o primeiro, mas eu era o mais ligado com ele, grudado, ia pra todo canto.

(Herança naquele tempo era coisa meio traiçoeira, terra dava briga pros mais mesquinhos e cabeça de gado podia morrer de um ano pro outro se a seca apertasse. O que sobrou pro Vovô, coisa que ele sempre repete quando sentamos numa cadeira na sala ou banco do carro, na hora da história, são coisas difíceis da seca matar. Traços herdados que se leva pra vida toda. Tio Jó com seus arranca-rabos na obra, Tia Zete hoje sem muita paciência pros cachorros que

(passam muito perto... Das coisas que Vovô ouviu, não tem acaso, é raiz: puxaram pro lado da vovó.)

Minha vó Elisa era uma pessoa brava, ruim, vamos dizer bem claro. Comigo não, era muito boa, mas com Jó ela era difícil, brigava muito com ele. Pra você ter uma ideia, vovó foi pra Serrinha, comprou um tecido pra fazer uma roupa pra mim e pra minha irmã. Não comprou nada pra Jó. No dia seguinte, quando meu avô Zé Pequeno chegou em casa e viu aquilo, pegou o cavalo de manhã — não falou nada para ninguém —, e foi até a cidade de Biritinga comprar um pano para fazer mais uma roupa. Ele gostava muito de todos.

Origens mais além

(Ouvir Seu Izaías falar dessa família, desses homens, é ver na cabeça uma grande corrente, como se o que acontece hoje fosse uma herança ao mesmo tempo que um respingo do que aconteceu antes. Do que Zé Pequeno fazia, do que Joaquim passou a fazer e ele, por fim, faz e passa pra frente. Quando meu vovô saiu da Bahia, é uma consequência da Iniciativa que ele teve como herança, quando seu pai largou a pequena Pataíba, vendeu tudo e se mudou para Baixa Grande. Um herdeiro de muita coisa.)

Quando meu avô Zé Pequeno faleceu, ganhei muita coisa dele, era o único neto de cabeça pequena em que cabia o chapéu de baeta que ele levava pra cima e pra baixo. Andava muito pra escola com o chapéu do meu avô, virava o bico pra frente e saia por aí. Ele morreu... não lembro bem a data que vovô morreu. Minha avó morreu no final de 1969 ou início de 70. Eu ia muito na casa da minha avó Elisa e, quando a gente saia da cancela, ela falava: olha pra trás pra poder voltar. Eu fui muito ligado à minha avó, muito mesmo. São memórias que a gente não esquece. Quando meu avô morreu, acho que em 1958 ou 1959, na partilha das coisas da família, gado, terra, criação... eu já estava lá com meu pai, acompanhando as coisas. Me lembro direitinho. Estavam todos os seis irmãos de meu pai e os maridos das duas irmãs.

(Perguntei pro Vovô como eram esses avós paternos dele, meus trisavós, que eu queria imaginar). Meu avô Zé Pequeno era moreno claro, bem claro, olhos claros... Minha avó também era bem clarinha, tinha olhos azuis que alguns da nossa família

herdaram. Olhos de gato, como chamavam na época. (*Não me satisfiz com a descrição, como devia ser conviver com o avô do meu avô? Que jeito ele tinha? Como se o chapéu de baeta herdado ainda estivesse na cabeça, Vovô lembrou do que era importante para ele*). Pessoal cobrava Zé Pequeno porque era a única pessoa que conseguia reunir os filhos. Normalmente nas famílias, os rapazes crescem, cada um faz sua roça, vai viver sua vida, e o Vô Zé Pequeno conseguia que os filhos continuassem unidos. Vai plantar roça? Começam todos juntos, na fazenda de cada um, como se fosse um mutirão, e ele não deixava separar. Ele tinha essa liderança e conseguia que os filhos se unissem. Inclusive, Papai, já adulto, era o único que se dava bem com todos os irmãos, sete homens e duas mulheres. Os outros tinham desavença, brigavam por causa de terra. Eu queria ser que nem meu pai, meu avô, e consegui. Sempre procurei unir os irmãos, a família, e foi vindo daí. Zé Pequeno era muito bom, uma pessoa boa, se alguém chegasse e pedisse um negócio dado ou emprestado, ele nunca dizia que não. Quando ele dava, a vó Elisa já começava a brigar. Mas ele respondia: Elisa, eu quero ter pra dar, não pra pedir. Se não me pagar, tudo bem. Ele sempre foi uma pessoa do bem. Acho que a gente tem muito desse lado de papai, eu principalmente. Os irmãos de papai, tinha uns muito bons, outros não tão bons, uns que brigavam por bobagem, por terra nas divisões. Mas papai não, papai foi sempre do bem, uma pessoa maravilhosa. Quando minha mãe morreu, pela idade, 97 anos, próximo dos 98, a gente já sabia que estava chegando a hora, chegando no fim. Agora, o mais surpreendente foi a morte de papai, aos 67 anos, enterrou no dia do meu aniversário, foi o presente de aniversário que eu ganhei (*a lembrança surge quando a voz embarga e as lágrimas começam a cair*). Isso já faz 38 anos, foi em 1984. Foi surpreendente porque ele tava bem, de repente foi ficando ruim, ficando ruim e morreu moço.

Aproveitar as pessoas onde elas gostam de estar

(*Uma das histórias que mais gosto de ouvir do Vovô é seu tempo como técnico da seleção da Tintas Wanda, empresa em que ele trabalhou entre 1973 e 1978. Ele sempre conta com prazer:*) a maior parte dos jogadores que eu treinei eram profissionais: tinha um veterano coroão que tinha jogado, o goleiro a mesma coisa (*a relação dos comandados vai crescendo, numa lista que vai de times do Sul ao Nordeste, da Série A à C*), eu confiava em todos, menos nos bocas-de-vidro (*nome*

bonito para os cachaceiros). Tinha um que tinha jogado no São Paulo, bom de bola, mas não dava pra contar com ele, ninguém sabia se ele ia aparecer, mas ali era tranquilo, muita amizade, só dava bronca quando eu precisava. Quando você começa a ser treinador, você não sabe gritar na beira do campo, pra isso eu tinha ajuda do Geraldo, meu auxiliar — Eu cochichava na orelha dele e ele gritava por mim. Minha carreira de técnico começou no time da manutenção da Tintas Wanda (*marca quase centenária adquirida pelos holandeses do grupo AkzoNobel nos anos 1970; a fábrica, no km 18,5 da Rodovia Raposo Tavares, fica do lado de casa, e foi ali que Vovô passou de carpinteiro a marceneiro em São Paulo*), que competia com as equipes de vendas, faxina, logística e quem mais aparecesse para enfrentar. Para os melhores, ainda tinha a seleção, treinada por um cara da elite da empresa. A história é que, quando eu estava de férias, eles foram jogar o Campeonato do Grupo Akzo, que tinha um time para cada uma das sete empresas, e eles perderam por WO, uns quatro caras nem apareceram. Pronto. Quando eu voltei a trabalhar, começaram a chegar em mim: só jogavam se eu assumisse a seleção. Me pediram tanto que deixei o time da manutenção para treinar a equipe da Wanda. Nossa campanha foi muito boa, comparavam nosso estilo com a Laranja Mecânica, aquele time da Holanda que foi para a final da Copa de 1974 (*com a memória afiada de Vovô, peguei papel e caneta para tentarmos desenhar a escalação daquela seleção da Wanda, mas a memória não foi tão longe assim*). Perdemos esse jogo na classificatória, que os caras boicotaram pra que eu entrasse, e depois só na final, que já não fui eu que treinei. Classificamos o time, jogos de ida e volta, e jogamos contra muito time bom. Mas o do Metrô não era um deles (*existe um certo prazer em falar dos pernas de pau que jogavam pelo sistema de transporte metropolitano*), era um monte de engenheiro ruim de bola, sem preparo nenhum. Nessa semana mesmo eu estava contando essa história de técnico para Juliana (*neta, de uns 12 anos*), que está doida pra ir comigo em Itaquera (*estádio do nosso Corinthians*). Ao contrário do Metrô, nossa equipe era bem mista, tinha bastante gente que pegava no pesado, que tinha mais corpo para essas coisas. Lembro de um jogo nosso contra eles: foi ali que descobri como juiz de futebol é ladrão. Acabaram o primeiro tempo antes da hora e eu fui tirar satisfação, falei um monte. Chega o segundo tempo, de novo apitaram antes dos 40 minutos, e ele ainda me disse que foi de propósito, porque a Wanda estava vencendo e não tinha mais como o adversário virar. Fiquei muito bravo. Mas eu não me arrependo de nada não, me dediquei muito

à Wanda, participava do clube e ia lá todo final de semana, fazia jogo, evento. Tinha espírito de liderança e me apoiavam muito, foi lá que eu aprendi a viver mesmo, conversar com pessoas de mais gabarito. Antes, eu tinha até medo de atender telefone. Uma das primeiras coisas que organizei lá foi o Festival Junino, o primeiro da empresa. Meus colegas da manutenção vieram se queixar pra mim de uma festa da elite que tinha acontecido, enorme, teve de tudo, reuniram outras empresas do grupo e foi aquele evento que todo mundo falava. E a gente sem nada. Disse pra eles então que ia fazer a festa pros pobres. Arrecadamos o dinheiro, a manutenção, a mulherada, todos se juntaram comigo para fazer acontecer e, para você ter uma ideia, naquela noite eu comprei 300 litros de chopp para dar conta da sede do povo. Nossa festa junina só foi encerrar quando chegou a polícia, que me pediu pra acabar porque tinha muita gente bêbada. Foi um sucesso. O evento foi até para o jornal no dia seguinte, só que com foto dos diretores na capa, como se fossem eles que tivessem organizado.

(Os assuntos vão mudando, conforme a conversa de telefone acontece, e tento voltar para o que motivou minha primeira pergunta, da história como treinador. Meu pensamento era na mensagem que recebi da minha prima Isabel, onde Vovô passava instruções e delegava a ela uma missão importante, à lá técnico de futebol). A gente tem que aproveitar as pessoas no lugar em que elas gostam de estar. Faz uns meses já que roubaram a placa que tinha lá na chácara (uma das primeiras coisas que meu avô fez quando conseguiu juntar dinheiro, em São Paulo, foi comprar um terreno no interior; a placa, acima do portão, entrega o nome do lugar: ‘Sossego do Lobo’), que na época que eu comprei foi uma fortuna, R\$ 120 em 1998. Por isso eu chamei Isabel para desenhar uma placa nova, inventar lá umas letras bonitas, que eu vou talhar num pedaço de madeira que eu tenho. Mas não pode ser letra miudinha que a madeira que eu tenho é enorme, vai caber número, que não tinha antes, tudo. Essa semana até dei uma cobrada na Isabel, que ela ainda não me mandou o desenho. A ideia é que ela desenhe e Luiz (irmão do meu pai, nosso tio Lula) marque com laser para eu entrar com o formão. Eu quero sempre inventar uma coisa dessas na garagem para fazer, não quero ficar deitado no sofá o dia todo. (E por que você pensou na Isabel pra esse trabalho?) Ela é muito inteligente e é das netas mais puxadas pro meu lado, além de que ela gosta de desenhar.

(Bel vai fazer 16 anos, entrou no Ensino Médio outro dia, e tem como projeto de vida cursar design na Alemanha. Chamar ela não é à toa, pelo menos é o que eu penso. Me diz se essa não é uma escalação, praticamente um trio de ataque do nosso Corinthians em tempos áureos, com Isabel nos desenhos, Tio Lula no maquinário com laser e Vovô entalhando a madeira. Falo para ele sobre minha associação da placa de madeira com a época de treinador de futebol: ele concorda que faz sentido, ao mesmo tempo que dá de ombros. Uns dias atrás até virei consultor do projeto, em mensagem de Whatsapp que recebi de Bel, olha só:)

Oi, Pedro, tudo bem? Espero que sim, Carnaval, felicidades. Seguinte: roubaram a placa da chácara, aquela que está escrito Sossego do Lobo, provavelmente foi algum molequinho de treze anos que pegou pra botar no quarto dele. E o Vovô queria fazer outra, talhar na madeira, e me pediu pra desenhar. Faz um tempo já, eu cheguei a fazer, mas achei que estava sem personalidade, sem representar direito a nossa família. Então eu queria te perguntar o que você acha que representa nossa família. Eu vou escrever Sossego do Lobo, mas preciso saber o que nossa família tem que é muito nossa cara. (Boa pergunta.)

Não vou ficar aqui

(Sempre achei fofo que vovô segue chamando os pais de papai e mamãe, mesmo depois de criado. É algo espalhado por todos os irmãos dele, ao menos os sete que se criaram, tirando os quatro que morreram ainda pequenos). Sua bisavó Firmina teve uma última filha, que estava para nascer em 1968, um ano antes do meu mais velho, seu pai Juca. Já bem idosa, ela engravidou e teve essa menina. E olha, na roça, os partos de mamãe foram quase todos difíceis. Com minha irmã Lourdes, Tio Álvaro teve que sair de casa, andar umas oito léguas nas costas de um burro para chegar em Serrinha, arrumar um doutor que pudesse fazer o parto. Foi, arrumou o médico, voltaram de jipe, toda essa dificuldade. No caso desse último filho, eu saí no sábado de manhã para ir à feira e mamãe já estava incomodada para ganhar essa menina. Passou o dia, a noite, o dia seguinte... Fui ver um outro negócio, voltei de tarde e ainda não tinha parido. Deixei meu cavalo amarrado (Vovô faz uma longa pausa, emocionado. O choro de vovô quase sempre se mistura com um riso. Tira os óculos, limpa as lágrimas e tenta se recompor para voltar à história). Eu me emociono muito com essas coisas, fio. Quando já estava de noite, sua bisavó

Mindu, mãe de Maria, me puxou de canto e falou: Izaías, você precisa dar um jeito, comadre Firmina vai morrer (*as lágrimas dele voltam com a ideia de que a mãe morresse.*)

Eu vou contar muita história e vou chorar muito, pode ficar sossegado. Desamarrei o cavalo, nem botei sela e saí em disparada atrás de alguém que tivesse carro. Encontrei um fazendeiro que tinha e topou me levar até a cidade. Chegando lá, não tinha médico... mas havia um cidadão, um enfermeiro, que fazia o papel de doutor na cidade. Se chamava Amado. Procurei, expliquei a situação e consegui trazê-lo para casa, ele ajudou, fez a injeção e enfim nasceu a menina! Eu sabia que ele não era médico, não podia fazer essas coisas, tanto que me deu uma tarefa: prometi que ia na cidade todos os dias contar para ele como mamãe estava. Porque se ela ficasse ruim, o jeito era levá-la para Ipirá, cidade maior que já tinha médico. E nessa situação, Pedro, eu perdi várias mulheres que foram minhas colegas de infância e morreram de parto. Muitas. E aquilo me chocava bastante. Fiquei com aquela coisa na cabeça, as mulheres morrendo de parto aqui na roça por falta de recurso? Decidi que não ia ficar ali. Foi quando comecei a falar de vir para São Paulo.

Mas não foi só isso, nós passamos muita dificuldade na vida. Morei em Pataíba até 1963, tinha 15 anos, e lá era muito seco. Quase todo ano, chegava a seca e tínhamos que fazer aquelas viagens com jegue para buscar água. O que fazíamos muito era passar a temporada na Fazenda do Bebedouro, na cidade de Biritinga, casa do meu avô Zé Pequeno, pai do papai, porque ele sim morava num lugar à beira de um rio, em que não faltava água. O maior tempo que passamos lá foi em 1961, na maior seca que nós enfrentamos, com as vacas caídas de fraqueza, com fome, aquela falta de comida e o gado emagrecendo cada vez mais. Foi nesse período que meu pai viajou para conhecer Baixa Grande pela primeira vez, acompanhado de Cecílio, pai de sua avó Maria. Eles tinham um conhecido que se mudou para lá, e voltaram muito empolgados, porque enquanto estávamos nos acabando de seca, Baixa Grande não tinha falta d'água, pelo tanto de mata lá. Nessa empolgação, pouco tempo depois ele vendeu todo nosso terreno em Pataíba e comprou 42 tarefas em Baixa Grande, que era a medida que usávamos. Um hectare equivale a 3,25 tarefas. Estávamos indo para um lugar mais barato, você vendia 10 terrenos e comprava 50.

Nos campos em Pataíba, o gado passava duas semanas sem beber água. Terrível. Então, chegar em Baixa Grande e ver aquele tanto de pasto foi uma novidade enorme para mim, outra formação. Mas nós não fomos os únicos que mudamos, todos da região foram seguir o mesmo caminho e, aos poucos, desmataram tudo para fazer pasto, acabaram com a mata. Nos mudamos em 21 de abril de 1963 e em 1976 já teve a primeira seca, morreu gado que dava dó. Eu já estava em São Paulo, mas meus pais não. O problema é que, mesmo sem seca, Baixa Grande deixou de ser bom muito rápido. Chovia bem pouco, não tinha lavoura como no começo. E isso porque nós não éramos desgarrados, sempre tivemos propriedade, nunca tiramos dinheiro trabalhando na roça dos outros, que nem muita gente, os bóias-frias, papai sempre pagou trabalhador. Tinha até um pessoal que tirava sarro porque a gente andava de bota, aquelas normais, de obra mesmo, falando que quem usava sapatão eram os ricos. Ninguém usava sapato, só para ir na cidade. O pessoal andava de calçado de borracha: pegava um pedaço de pneu, cortava, fazia duas correia, enfiava no pé e dizia que estava calçado. Papai ainda fazia modelado, bonitinho, naquele capricho que a gente sempre teve. Nós fazemos coisas diferenciadas, nunca de qualquer jeito, já tínhamos essa visão de guardar cereais para quando viesse a seca, tinha gente que já vendia o feijão na roça, nem tinha colhido ainda e já tinha gastado o dinheiro da venda. Papai não era assim, guardava, e nós sempre tivemos alguma coisa. Meu avô era rico, vamos dizer assim, ele tinha várias propriedades, fazendas grandes. E os filhos dele já ficaram com pouco. Eu via que não tinha mais para onde expandir, dinheiro para comprar mais coisa, iam ficar só dividindo e dividindo? Daqui a pouco ficava um lote para cada um. Eu fui abrindo os olhos para essas coisas, esse foi outro momento em que pensei que não ia ficar ali.

Quando casei com sua avó, em maio de 1969, fiquei morando na casa dos pais dela por um tempo, mas quando Rita nasceu, em agosto de 1970, eu já estava construindo minha casa. A ideia de vir para São Paulo ainda não era um plano. Foi virar quando recebemos a visita de um camarada lá da Bahia que estava morando por aqui, Zeca Amarelo. Eu estava fazendo a minha casa, levantando as paredes, rebocando, e ele foi me perguntar porque eu não ia para São Paulo trabalhar, e na época eu já fazia serviço de pedreiro e carpinteiro, ele sabia disso, e a partir daí eu comecei a pensar. Depois, foi passear lá o tio de Maria, Irineu, que morava aqui no

Rio Pequeno fazia 15 anos. E me deu mais uma cutucada, dizendo que eu sabia trabalhar, que devia ir para São Paulo, ofereceu para que eu passasse um tempo na casa dele, e foi isso que me despertou esse desejo. Um fala e outro fala... aquilo ficou na minha cabeça, porque, até então, eu não tinha vontade de ir para São Paulo, eu falava que se fosse para sair de lá, eu iria para Goiás, pessoal só falava de lá. Eu até tentei fazer uma roça de feijão numa última tentativa, mas nasceu um feijão tão feio, miudinho, murchinho, que eu larguei mesmo e vim para São Paulo em julho, com frio e tudo. Eu nem cheguei a terminar minha casa na Bahia realmente, dar acabamento. Mas sua avó morou nela até 1972, quando eu voltei para buscar ela. Foi construída com telhas da minha própria olaria, que foi meu ganha-pão por um tempo, e madeira que eu mesmo cortava na mata.

Saí da Bahia em 8 de julho de 1971 e cheguei dia 10. Em 14 de julho, eu já consegui arrumar serviço na Cidade Universitária, de carpinteiro, não de pedreiro. E o que facilitou muito nossa vida foi ter construído um carro de boi com papai antes disso, com o dinheiro que ele herdou da morte da mãe dele. Os bois da nossa região não eram bons para carro, não tinham força, então comprei quatro na cidade vizinha, perto de Jacobina: os nomes eram Canário e Caderno, arranjei já velhos, e os de trás eram Alvoredo e Almirante, boi atende por nome, e boi de carro é mais esperto que gente (*nunca vou me acostumar com Vovô lembrando os nomes desse quarteto*). Enquanto eu estava por aqui, Justino, irmão de Maria, usava o carro para trabalhar nas fazendas, arar a terra, e, com esse dinheiro recebido, uma parte ficava com ele e a outra servia para sua avó e as crianças se manterem. Foi com esse apoio que eu construí nossa casa fácil aqui, por não ter que enviar dinheiro para lá.

Agora, um momento que ficou marcado para mim, da minha saída da Bahia, foi mamãe ter debochado desse sonho. Eu falei para ela: Vou pra São Paulo formar meus filhos. (*Vovô mal termina a frase e já cai em prantos*). Esse é outro momento que eu me emociono. Mamãe virou para mim e me disse: Aham, já estão lá, ó os doutores lá (*o tom da mãe era bem irônico; esse é um momento que Vovô sempre repete e se comove de jeito parecido*). Aquilo foi muito doído, mas eu respondi para ela: Mamãe, eu tenho fé em Deus que eu vou formar meus filhos (*ele torna a chorar, encerrando a frase.*)

Industrialização rápida do Brasil tornou migrações uma chance real de mobilidade social, no anos 1970

O período do "milagre econômico brasileiro" (1967-1973) foi marcado por um forte crescimento econômico no país, que impulsionou um veloz desenvolvimento urbano-industrial. Essa fase positiva motivou um intenso fluxo migratório interno, principalmente nos anos 1970, quando o deslocamento e o êxodo rural são ligados diretamente a oportunidades de ascensão social, por um mercado de trabalho em expansão. Neste contexto, as migrações Nordeste-Sudeste foram as que mais tiveram destaque.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o Nordeste brasileiro viu cerca de 4,5 milhões de seus residentes emigrarem da região, segundo histórico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ao mesmo tempo, por volta de 6 milhões de imigrantes chegaram ao Sudeste, especialmente em São Paulo, que estava se industrializando muito rápido. Assim, dos imigrantes que compunham a população paulista, 27,8% eram migrantes nordestinos, já em 1950. 14 anos depois, em 1974, o dado passa para 49%; o ápice no século chega em 1982, quando mais da metade dos imigrantes (56%) em São Paulo eram vindos do Nordeste, dado presente em *Nas terras do “Deus Dará”: Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo*, tese de Dulce Baptista.

É neste contexto que, em 1970, a população urbana brasileira supera a rural pela primeira vez na história do país, segundo registros do Censo Populacional daquele ano. A partir dali, o Brasil vive profundas transformações econômicas e sociais típicas da transição entre um mundo agrário para um mundo urbano.

Dos anos 1980 em diante, porém, a indústria descentraliza e deixa de ser tão focada nas metrópoles como São Paulo, que

para de crescer tanto. O crescimento econômico no país desacelera e resulta em crises, enquanto a relação entre migração e mobilidade social gradualmente perdeu força. Foi nesse ritmo que as migrações entre regiões diferentes caíram, aumentando migrações de curta distância e as de retorno, a volta para os estados de origem. “No período do fim dos anos 1970 e começo dos 80, os migrantes vinham e a mobilidade social esperada, que vimos acontecer com seu avô e milhares de outras pessoas, em particular dos nordestinos, não foi possível”, comenta José Marcos Pinto da Cunha, pós-doutor no “Population Research Center” da Universidade do Texas e pesquisador do Nepo (Núcleo de Estudos de População da Unicamp).

Cunha ressalta que a migração é influenciada por fatores estruturais, como desigualdade e disparidades regionais, além de motivos individuais. “O caso do seu avô é um pouco particular, [nesse sentido financeiro, por ter tido mais acesso], mas nada tira aquela relação entre a desigualdade regional que existiu no Brasil e existe até hoje. A desigualdade é um motor desses movimentos, porque as pessoas querem buscar melhorias”.

Sobre o ímpeto inicial de ir a Goiás, relatado por Izaías Lobo, o movimento é corroborado com dados do Censo de 1980, que mostra a região Centro-Oeste como o segundo maior destino de nordestinos na década de 1970. Foram 347 mil migrantes no período, 14% de todos aqueles que migraram para outras regiões.

Eles tinham medo de mim

Sua tia Rose nasceu em 26 de julho de 1973, vai fazer cinquentinha neste ano, e era uma chorona, chorava a noite toda. Nessa época eu trabalhava na Aclimação, pegava duas conduções para chegar até lá e não conseguia chegar na hora. Era um ônibus até o centro e outro até a obra, cheguei atrasado uma, duas vezes, e decidi

pedir a conta, com essa menina sem dormir eu ia perder o horário sempre. Vim para um serviço mais perto, no Jardim Previdência, e foi quando veio a oportunidade de tentar outra coisa. Quando eu disse que ia sair, o mestre de obras comentou para o empreiteiro que iam perder o melhor carpinteiro deles, tentaram de tudo para me fazer ficar, mas já estava decidido. Fui convidado para entrar na Tintas Wanda, passar de carpinteiro para marceneiro, emprego fixo. Tem pessoas que criticam, mas lá era um ambiente muito familiar porque eles só contratavam gente indicada, só entrava se fosse recomendação de alguém de dentro. E na realidade não era pra eu ter sido contratado, quem foi chamado foi seu Tio João (*cunhado de Vovô*), mas ele teve medo de ir. Ele namorava tantas garotas que acabava conhecendo os irmãos, os amigos delas, e um desses caras que convocou, mas João era inseguro. Foi nisso que o convite sobrou pra mim, eu tinha interesse, e entrei pra marcenaria de lá. (*Qual é a diferença de marceneiro para carpinteiro?*) a carpintaria faz fórmica para concreto, como fiz na USP, telhado, coloca porta... já na marcenaria a gente faz móveis, coloca Formica (*um revestimento bem popular na época, que tinha nome da marca, assim como palha de aço e Bombril ou Cotonete e hastas flexíveis de plástico*). Na Wanda, minha equipe só tinha eu e um monte de assistentes, e tudo que precisasse com madeira era comigo, pá para mexer tinta, banquinho, balcão, móveis para os restaurantes, o que você puder imaginar. Já te contei que eu tinha muita liderança entre os funcionários, treinei a seleção, organizava as festas, ia sempre no clube, mas eu também conhecia muito a diretoria, em especial a família Montesano, fundadora da empresa. Eu sempre ia na casa deles fazer algum serviço nos finais de semana (*Vovô lembra o nome e endereço de cada um dos diretores que requisitavam seus serviços, desde aquele que morava na Rua dos Pinheiros, outro em Higienópolis, um terceiro do Ibirapuera e por aí vai*). Lembro de fazer um móvel com divisória para discos, enorme. Uma vez chegaram umas embalagens da África feitas em pinho de riga, madeira rara no Brasil. Peguei o que sobrou e fiz uma caixinha pra mim. Quando deu 17h, eu estava saindo e seu Olavo me parou: Ainda tem dessa madeira para você fazer uma caixa igual pra mim? Sim. Se não tivesse, você ia tomar uma surra (*o tom era de brincadeira, Vovô jura*). O material era tanto que eu ainda fiz com essa madeira o berço que vocês todos usaram, desde Luiz em 1978 até você mesmo. Você não vai lembrar, mas ele tem um verniz especial que Zé Careca fez pra mim, ele era químico lá na Wanda e achou o berço tão bem feito que pediu pra envernizar pra mim, com um verniz que

não pega fogo. (*Os serviços que você fazia para esses caras eram serviços por fora?*) Não, tudo incluído no meu salário, o carro da empresa que me pegava, e eles sempre me deixavam fazer alguma coisa que eu precisasse durante a semana. Pra eles eu fazia um pouco de tudo, desde coisa de pedreiro mesmo até cobertura com lona para festa infantil, foi bastante coisa. (*Esse pessoal que você trabalhava era tudo endinheirado? Vovô ri*) Quem tinha dinheiro mesmo era o dono, Roque Montesano, que fundou a fábrica, o resto pegava o que sobrava. Teve uma vez, depois de um desses serviços, que a secretária me chamou na sala do genro do seu Roque, o Olavo Montesano. Quando cheguei, ele disse que queria me dar “um presentinho”: esse presentinho deu pra comprar quatro passagens de ida e volta para a Bahia. Pela época em que Luiz estava pra nascer, eu precisava que adiantasse meu 13º para pagar a cirurgia, a cesária, e aceitaram numa boa. No dia do parto, 28 de março de 1978, eu estava indo para o Hospital Nove de Julho, ali perto da Avenida Paulista, e um desses diretores se ofereceu pra me levar, já que ele morava perto. A Wanda foi muito boa pra mim, saí da construção civil, a única coisa que eu tinha feito na vida, para uma experiência totalmente nova — só não queria ter saído daquele jeito.

No dia em que eu fui dispensado, nem tive chance de me explicar pro diretor, mandaram embora direto. Eu imagino o porquê: uns dias antes, passei pelos corredores com uma lista na mão, cobrando o povo de uma rifa que a gente estava promovendo, eu vivia envolvido com isso. E na mesma época estavam desconfiando de uma greve que ia acontecer, acharam que fui eu que organizei. Fui dispensado junto do craque do nosso time, Iquita, o “Pedrada”. Isso foi dias antes da final que a gente jogaria em Americana — sem mim, eles perderam. Esse “Pedrada” era uma história, sempre me pedia dinheiro emprestado e na hora de pagar me perguntava quantos gols eu queria no jogo para perdoar a dívida. E ele fazia mesmo, era só falar o número. No final das contas, a greve nem aconteceu, era um faxineiro que estava organizando, a gente via ele levando o pessoal pro sindicato. (*Por que você não entregou o cara, para tentar livrar sua pele?*) Pedro, não vale a pena prejudicar os outros, eu nunca quis isso. (*E você acha que a reivindicação deles era justa? Vovô reflete um pouco antes de responder*) Olha, era sim. Naquela época ajuste de salário não ia muito por lei, era mais se o patrão ia com a sua cara. Eu já tinha recebido um aumento muito maior do que o que eles pediam. E na

realidade eu já queria sair de lá, via as ferramentas a cada dia ficando mais ultrapassadas, muitos velhos se aposentando lá, e meu medo era claro na cabeça: Amanhã, eu vou ser um cara ultrapassado. Eu tinha que me atualizar, ali já estava pequeno, via que tinha um mercado melhor para mim. Um dia que ficou marcado foi o susto de um entregador, que chegou lá e ficou abismado que eu era um marceneiro com todos os dedos da mão. Como você é marceneiro sem dedo cortado?! Aquilo me deixou indignado. Eu era cuidadoso e cuidava de tudo praticamente sem apoio nenhum.

(*Quando você foi mandado embora, o pessoal te deu alguma força? Aqueles diretores não vieram te defender?*) Ali todo mundo respeitava a decisão de cada departamento, ninguém ia questionar o que o outro decidisse. A peãozada mesmo não ligou muito pra minha saída, quem se solidarizou mesmo foi a elite da empresa. Ali, foi a maioria, que me chamava pra fazer serviço. Muitos moravam na Consolação, trabalhei muito lá nessa época. E foi assim que depois de carpinteiro, virei marceneiro na Wanda por cinco anos e meio, de 28 de outubro de 1973 a 28 de novembro de 1978, e voltei a ser pedreiro autônomo. A verdade é que eu era forte lá, eles (*a diretoria*) tinham medo de mim. Sabiam que se eu começasse um movimento, todo mundo seguiria.

Demissão acompanhou nova onda de greves no país

O ano de 1978, quando Izaías Lobo foi demitido da Tintas Wanda por suspeita de mobilizar uma greve, coincide com o surgimento do “novo sindicalismo”, que fez as greves sindicais terem novo pico no país, algo que estava em baixa desde 1968, quando a repressão da ditadura civil-militar se intensificou, com instauração do Ato Institucional nº 5. Enquanto as grandes greves do final dos anos 1960, como Contagem (MG) e Osasco (SP), tiveram caráter mais enérgico, sendo duramente reprimidas pelas forças do governo, as da década seguinte assumiram perfil mais calculado e estratégico, que serviria de combustível para a transição democrática, como citado em *O poder sindical na ditadura e na transição política brasileira*, de

Ivan Ervolino e Eduardo G. Noronha, doutor em Ciência Política pela USP.

O artigo descreve como a greve de 1978 na Scania, em São Bernardo do Campo, foi o pontapé inicial para outras 111 greves naquele mesmo ano, número que seguiria escalando nos anos seguintes, até o fim da ditadura. Os movimentos tinham em comum a origem no estado de São Paulo, em sua maioria, justamente no setor industrial, antes de se espalhar pelo país todo. As motivações políticas acompanhavam reivindicações trabalhistas, inflamadas pela crise do milagre econômico, o arrocho salarial — medida do governo de reajuste de salários abaixo da inflação, buscando controle da inflação no país — a superexploração e más condições do trabalho e crescente concentração de riquezas, consequência das políticas econômicas dos anos anteriores, como citado em *As oposições à ditadura: resistência e integração*, artigo de Marcelo Ridenti, professor do Departamento de Sociologia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), e *Trabalhadores, ditadura e greve: uma interpretação crítica da influência do movimento operário para a transição democrática brasileira*, de Ana Carolina Cuevas Marques e Paulo de Carvalho Yamamoto.

Ao final da década de 1980, o “novo sindicalismo” sofreria repressões pesadas do governo ditatorial, com mortes e prisões em sindicatos de metalúrgicos na capital paulista e no ABC.

Abelhudo, mas de filhos estudados

Eu sempre fui muito abelhudo, que é uma palavra de baiano. Essa semana mesmo vai acontecer uma reunião no postinho para reivindicar melhorias, mais médicos, e eu vou estar lá, não precisaram nem me chamar. Desde que meus filhos começaram a estudar, fui da APM, Associação de Pais e Mestres, em todas as escolas. No Attie (*Escola Estadual Luis Elias Attie, a uns 20 minutos de caminhada de casa, onde meu pai e os três irmãos fizeram o Ensino Fundamental*), fui tesoureiro e cheguei a presidente da associação. Eu carreguei aquela escola nos

pés, mas também aprendi muito, convivi com muita gente boa, e é algo que não mudou só na minha vida, mas na de Joaquim, Rita, Rose e Luiz. Se você está na APM, o filho deixa de ser fulano para ser Filho de Fulano, é outra história. Por incrível que pareça, eu era um dos que mais sabia escrever carta naquela escola. Eu fazia muitas, primeiro para Maria (*minha avó*) quando eu estava em São Paulo e ela em Baixa Grande, e depois para mamãe. Muitos não sabiam fazer um cabeçalho de carta, então eu virei a pessoa encarregada disso, sempre me pediam. E tudo bem, entrei na APM por uma necessidade de ajudar a escola, organizava palestras, arrecadava dinheiro. Quando Joaquim, Rita e Luiz foram para o Guaracy — Escola Técnica Guaracy Silveira, em Pinheiros —, de 1985 em diante, a coisa mudou, eu não queria pegar cargo (*enquanto o Attie era escola de bairro, as crianças iam a pé e estudavam com a mesma molecada de periferia que eles já conheciam, a Etec era em um bairro diferente, exigia um trajeto de ônibus e frequentado por muitos ali de Pinheiros, região mais desenvolvida que o Jardim João XXIII e o Jd. Paulo VI, onde moravam e estudavam*). Pensei comigo: Não vou pegar cargo aqui, tem tanta gente estudada, filhos de estudados. Além de que seria mais uma responsabilidade... O problema é que acabam descobrindo que você tem uma referência, uma experiência numa escola anterior, aí não teve jeito, me pediram e eu acabei entrando. E uma vez que você está lá, não tem como sair. Entrei na associação e até virei amigo da diretora, dona Maria Antonia, fiz muita obra no apartamento dela e nos vizinhos do mesmo prédio. Seu pai estava checando e até alguns anos atrás meu CPF ainda estava vinculado como responsável pela escola, décadas depois que eu saí de lá.

Qualquer coisa que me chamassem, eu ia. Lembro que eu estava já na primeira associação de moradores do bairro, fui um dos fundadores, mesmo que não tenha ido para frente. Anos antes, em 1973, um ano morando aqui no João XXIII, e estava nas primeiras reuniões para fundar a igreja que temos hoje, a São João Batista (*imagine, eu fui batizado nela 27 anos depois, em 2000*). Daquele primeiro encontro com o padre Léo, quem não morreu se mudou do bairro, fui o único que sobrou. Eu construí aquela torre central com a cruz, o corredor lateral, estava lá na nossa primeira quermesse, montando barraca com a madeira que conseguimos encontrar e só não trabalhei vendendo as coisas porque tinha vergonha. Só nunca fui para política, mas já fui chamado. Nos anos 1990, trabalhei numa obra ali no Morumbi

que pertencia ao sogro do Paolo Papaiz, filho do Luigi Papaiz (*empresário italiano que nos anos 1960 entrou para o ramo de cadeados e fechaduras, fundando empresa com seu sobrenome, em pouco tempo uma das líderes do mercado brasileiro*). Teve um homem, amigo do dono da obra, que queria porque queria me convencer a me candidatar a vereador, achando que eu ia puxar votos no nosso bairro para ele. Eu tinha toda essa atuação na igreja, na escola, ele sabia que eu era influente no bairro.

Meu pensamento sempre foi: Alguém tem que participar, se não as coisas não funcionam. Ao invés de mandar você no meu lugar, vou eu mesmo. E essa vontade de participar vem desde a infância, lá no interior, tinham rezas disso e daquilo, devocão, e geralmente se encontrava muita gente. Eu, nesses lugares, ficava na roda dos homens de maior posição da cidade, fazendeiros, políticos. Mesmo pequeno, não me rodeava de criança, estava sempre com os mais velhos, e foi um fato que deu uma sustentação, uma formação prematura pela convivência. Isso é ser abelhudo, fui a criança que ficava muito em cima, perguntava tudo.

O Lobo e a Lobinha

(*Durante meses, Mama estava ansiosa para reencontrar a irmã mais nova, também Maria. Mais do que isso, unir as duas também com os três irmãos que moram na capital paulista, Margarida, Adelaide e João, num almoço e numa foto a serem guardados no porta-retrato. Com a distância de São Paulo para a Bahia, elas não se viam há anos, e a chance desse reencontro vinha sendo adiada por pandemia e outras burocracias, até que em 2023 aconteceu. Foi num domingo de manhã, na chácara que recebe nossos maiores encontros em família, que sobrinhos conhecerem a tia, o marido dela foi apresentado, irmãos se viram novamente, toda a pompa de um churrasco com bolo no final da tarde, celebrando também aniversário de um dos meus primos pequenos. Com a reunião, Vovô convocou uma roda horas antes do almoço, emocionado como sempre tem sido, em anúncio que vinha elaborando.*)

Estou muito feliz por termos reunido todo mundo, vocês já sabem que estamos fazendo um livro, e eu passei a noite acordado tentando pensar numa pergunta. Uma mesma pergunta que o Pedro vai fazer para todos vocês (*fiquei sabendo*

(naquela mesma hora), que depois de muito elaborar encontrei: Qual é a importância da minha vinda a São Paulo para cada um?

(De pergunta na cabeça, minha primeira parada foi a casa de Tia Rose, aquela que um dia foi chorona e em 2023 completa 50 anos. A terceira filha, primeira nascida em São Paulo, que me recebeu contendo pela coleira o cachorro salsicha que corre e sapateia pelo gramado. Fechamos a porta da cozinha e puxo uma cadeira, enquanto ela prepara um bolo de cenoura, uma de suas especialidades como boleira nas horas vagas. Tia Rose, repetindo a pergunta do Vovô, qual foi a importância da vinda dele para São Paulo? Agora, dou a palavra à Tia:)

É difícil falar de importância porque, se for pensar, minha própria existência está nessa importância. Afinal, fui a primeira filha a ser concebida e nascer aqui. Joaquim nasceu em 1969, chegou em São Paulo com quase dois anos, e Rita nasceu em 70. Os dois já existiam quando ele decidiu vir para cá. Agora, a frase que me marcou muito nessa história, que passei a infância inteira ouvindo, era a questão do meu pai ter vindo para cá para que os filhos dele estudassem. Isso foi uma coisa que eu tive comigo a minha vida inteira, sempre foi uma coisa muito forte. E se você for pensar, é até meio incoerente isso ser tão forte para mim, porque eu não fazia parte desse projeto original, fui nascer anos depois. Mas fiz parte disso. Eu até lembro de algo que não sei se é memória ou se é da minha cabeça, mas é a frase: Quero meus filhos doutores. E meu pai foi até além. Se a preocupação dele era dar educação para os filhos, ele podia ter trazido a mulher com os filhos, e o resto que se virasse. E não, porque família para ele era além disso, era a raiz, por isso trouxe um irmão, depois outro, depois outro, até que trouxe todos — era o pensamento de que Minha Família tem que estar junto. A família dele nunca foi a esposa e os filhos, pensando nessa palavra ele via todo mundo, os irmãos, sobrinhos, netos, tudo é família para ele.

Mas voltando para esse tema do estudo, meu pai sempre foi uma figura muito presente na escola. Durante muito tempo eu senti que a minha identidade lá era ser filha do Seu Izaias, que conhecia todo mundo, ou então irmã da Rita e do Joaquim, que haviam entrado antes de mim e eram os alunos nota 10. Fui conhecida por isso, não era eu. Sempre fui uma boa aluna, mas tinha minhas dificuldades, e ouvia os professores me comparando com eles. Me lembro da primeira nota vermelha que

tirei na escola, ainda no 1º grau, e foi traumático, eu escondi porque sabia que haveria essa comparação por parte dos professores. E isso foi ruim para mim durante um tempo. Nas reuniões, geralmente, o natural era o pai ir, isso quando ia, e acabou. Meu pai não, ele nunca faltava, estava na Associação de Pais e Mestres, conversava e conhecia a diretora, participava de festas das escolas, ajudava a arrecadar fundos, sempre foi essa pessoa de participar. Abelhudo, como ele te contou (*Tia Rose ri, contando as histórias sempre de um jeito leve*). E, quando você é criança, nem sempre este pai abelhudo é uma coisa que te agrada. Pensava: Poxa, por que meu pai tem que estar se metendo em tudo? Participando de tudo? Esse era o lado ruim do reconhecimento. Mas me sentia muito orgulhosa de ver todos os professores falando do meu pai. Boa parte dos coleguinhas tinham pais anônimos, meu pai não era uma pessoa anônima. Me lembro bem de uma pessoa chamada Edson. Eu não sei exatamente qual era a função dele, mas era o responsável pela banda da escola, a fanfarra, como a gente chamava. E lembro que quando comecei a tocar lá, seu pai já tocava, e o Edson falava o tempo todo: Você é lobinha, filha do Seu Lobo. Aquilo era uma coisa boa: nossa, todo mundo conhece o Seu Lobo, ele é conhecido. Mas, por outro lado, todo mundo sabia, se você fizesse alguma coisa errada na escola, era a filha do Seu Lobo.

Era muito bom ser conhecida, mas tinha alguns momentos que você queria ser uma filha anônima na escola, fazer sua bagunça, o que quisesse fazer. (*Hoje, Vovô é quem busca os netos na escola, os quatro que estudam juntos. Com sua camionete azul de cabine dupla, uma Chevrolet D-10, ele é reconhecido pelo porteiro a quilômetros de distância, que convoca a Família Lobo com rapidez — um resmungo de Mariana, 15 anos, filha de Tia Rose: Na escola ainda é assim, eu sou a neta do Izaias Lobo. A mãe se diverte com ela*). Vejo os netos com muito orgulho dele, de ser Lobo, e isso é muito gratificante. E mesmo tão presente, estudar nunca foi uma pressão, sempre um incentivo, eu sabia que queria estudar. Só que, em determinado momento, virou problema porque a figura do meu pai, que queria tanto formar os filhos, só me fazia pensar em não desapontá-lo. Então, no momento em que eu decidi que não iria trilhar o caminho dele, não iria trabalhar com obra, veio sim um medo de como seria isso perante ele. Quando meus irmãos terminaram o 1º grau, foram estudar Edificações na Escola Técnica Guaracy Silveira. E eles tinham isso muito claro, Rita ia fazer arquitetura, sonho de criança, e o Joaquim já ajudava

meu pai na construção civil, então era um caminho meio natural. Eu não queria fazer Edificações. Cursei porque não passei na escola que eu queria: fiquei desesperada, mas seu avô conseguiu para mim uma vaga no Guaracy, já que a essa altura, com Rita e Joaquim lá, ele já conhecia a diretora, todo mundo, coisa típica dele. Com dois anos na escola, repeti em matemática, e a primeira coisa que eu pensei foi justamente a decepção que seria isso para o meu pai.

Tive que lidar com a incompetência, era inconcebível para os outros ser irmã das notas 10 e repetir de ano, foi uma coisa difícil de trabalhar. Chegar no meu pai e dizer que eu repeti foi dificílimo, mas assumir que eu não queria aquilo para minha vida foi libertador, uma grande ruptura, de dizer: Não quero esse curso, vou mudar, ir para outra escola. E ser aluna numa escola em que meu pai não era conhecido, meus irmãos não tinham vindo antes de mim, me fez sentir liberta, naquele momento eu fui eu, fui a Rose. Mudei de colégio e lá decidi pela Fonoaudiologia, que seria minha faculdade, minha profissão. E por mais receio que eu tivesse naquele momento em desistir do caminho dele, ele me apoiou em tudo, inclusive quando fui estudar fora, fazendo Unesp, Universidade Estadual Paulista, em Marília, a mais de 430 km de São Paulo. No dia em que eu decidi isso, ele foi a primeira pessoa que me apoiou — não é qualquer pai que deixa a filha sair de casa aos 18 anos para estudar, mas ele teve total confiança em mim. Eu tinha o receio de que talvez fosse importante para ele os filhos irem pelo caminho dele, mas não foi nada disso.

Vovô avisou: namoro é para casar.

(Dos 13 para os 14 anos, tive minha primeira namorada, um romance escondido que minha mãe viria a desvelar depois de alguns bons meses. Mesmo com namoro declarado, não era algo feito em casa, mas na saída da escola, nas ruas vizinhas. Certa vez, num chamego adolescente de dia de semana, a alguns metros de casa, material escolar na bolsa, vi caminhando em nossa direção uma figura que eu jurava ser Vovô. Me desesperei, ninguém podia saber que eu namorava, ainda mais ele, o que pensaria de mim? Não ponderei duas vezes, dei meia volta sem dar explicações e zuni direto para casa. A conclusão da história é que minha então namorada me perdoou, mas o detalhe: não era meu avô. Essa memória saltou na cabeça quando conversava com ele na sala de casa. Ele contava sobre um de seus

empreendimentos de adolescente: um carro de boi, arruinado quando um camarada viu que a intenção de Izaias com sua filha era só um lance, namoro despretensioso. Pulei da cadeira. Como assim você namorava antes de casar, Vovô? Ainda adolescente? Essa conversa teria mudado muitas nóias minhas dez anos antes. Ouvi dele:)

Quando nos mudamos de Pataíba para Baixa Grande, tínhamos vendido todo o nosso gado, mas minha vontade de criar era enorme e a dificuldade era grande. Uma das minhas tentativas foi pegar um bezerro rejeitado de um vizinho, já que a vaca não tinha leite pra ele. Tirava o leite de uma vaca parida, também emprestada desse vizinho, e dava de mamar para criar esse bezerro. Depois de um ano, amansei dois bois de outro senhor, tudo para montar o carro, e conseguia alguma renda trabalhando nas fazendas pela diária. Mas eu namorava uma moça, sobrinha desse camarada, e quando a gente parou de namorar a primeira coisa que ele fez foi tomar os bois dele. Fiquei sem, só porque não quis namorar ela. Nessa época, eu tinha uns 14 anos, e sua avó ainda não tinha chegado em Baixa Grande, então eu namorei duas irmãs da mesma família, mas só para passar o tempo. Uma foi por poucos dias, a segunda um pouco mais. E praticamente todos os parentes delas ficaram com raiva, porque acharam que eu ia casar com a moça.

(Conversando com Tia Rose, ela diz que não sabia dos namoros adolescentes do pai, mas que não era surpresa, com muitos assuntos sendo tabu em casa, como o próprio namorar. Nas palavras dela:)

Durante a minha adolescência, eu achava meu pai extremamente conservador, tanto que foi uma surpresa ele me deixar sair de casa para fazer faculdade sem grandes problemas. Naquela época, ele tinha uma frase que repetia sempre: Namoro é para casar. Então, você com 15, 16 ou 17 anos não precisa namorar, já que não vai casar naquele momento. Eram umas coisas típicas da época em que ele viveu e que, para a gente, criava alguns conflitos — nesse sentido eu lembro bastante da Rita com os namorados, algumas festas.

Eu sempre evitei criar conflitos com o meu pai, justamente por ver nele essa pessoa que fazia tudo por nós, meu ídolo, o pai super-herói. A ponto até de negar algumas coisas que eu queria muito para não me envolver em atritos com ele, porque eu não achava certo bater de frente, discordar. Imagina decepcionar o super-pai? Era como

eu via ele. E, na adolescência, aceitar esse tipo de coisa era algo difícil: Espera aí, eu estou gostando do meu amiguinho da escola e não posso namorar com ele? Mas eu evitava, deixava meu amiguinho de escola para lá, fingia que eu não tinha intenção de nada. Então, se você me perguntar se eu sabia mesmo que meu pai namorava aos 14, não sabia, mas com a cabeça de hoje já poderia desconfiar. Alguns assuntos eram tabus, típicos da nossa época, entre os anos 1970 e 80. Por exemplo, algo que meus pais nunca falaram claramente, mas quando a gente começou a fazer contas ficávamos sabendo: quando a Vovó casou, ela estava grávida, com seu pai Joaquim na barriga. Isso é uma coisa que ninguém nunca falou, que ninguém disse abertamente. Mas na escola você aprende que a gestação tem nove meses... eles casaram em maio e Joaquim nasceu em agosto, essa conta não fecha. (*Tia Rose gargalha pensando nessas coisas*). Para a geração deles, que nasceu nos anos 1940 e 50, não era o tipo de assunto que você abordava diretamente com o filho. Eu me lembro da minha mãe brava com Joaquim por ter engravidado sua mãe antes de casar, não sei o que. Mas espera aí, não foi o mesmo que aconteceu lá, tantos anos atrás? (*A pergunta traz novas risadas*). Nosso pai foi muito bom, criava os filhos com respeito, eu não lembro dele ter me batido — minha mãe sim me deu umas surras bacanas —, e tinha algo muito forte de educar pela conversa, pelo exemplo. Uma das coisas que sempre ouvi dele, e que fala até hoje, é que os filhos são o eco do pai, se você gritar com os filhos eles vão responder à altura. Mas ele tinha as questões dele. Nesse ponto, acho que a Rita foi mais além do que eu. Ela enfrentou, começou a namorar, trouxe para casa, criou discussões dessa não aceitação. Lembro, inclusive, que ela começou a namorar um rapaz negro, e aí você mexe em outro ponto: nós somos de uma família negra, não adianta negar isso. Mas foi, claro, um preconceito pela filha ficar e de repente casar com um negro. Lembro que não foi fácil, meu pai não aceitava muito bem o namoro. Ele nunca falou abertamente que era por um preconceito racial, mas minha visão era de que sim. Já eram duas coisas que complicavam nessa situação: primeiro que minha filha não precisa namorar, já que não vai casar aos 17 anos. Segundo, ela estava namorando um rapaz negro. Esses eram atritos que eu evitava, então nem arrumava namorado, mesmo querendo. Me abstive dos conflitos.

Nossos cadernos? Sempre encapados

(Com caderno, caneta e a pergunta elaborada pelo vô, encontrei Tia Rita em sua casa, logo após o almoço. Enquanto eu cavucava suas lembranças de família, ela se empenhava na caça aos ingredientes de um bolo de cenoura, o segundo que eu ganharia naquela semana. Qual a importância da vinda do vovô? Ela lembra dos bancos de escola). O objetivo dele, a luta para que os filhos estudassem, me deu memórias muito gostosas. Comprávamos todo o material escolar na cidade e seu avô encapava todos os nossos cadernos de brochura, um por um; pegava os lápis de cor e fazia as pontas com uma faquinha, super caprichadas. E, na parte de trás deles, um recorte com a mesma faca, escrevendo à caneta o nosso nome, para marcar. Foi o ritual dos nossos primeiros anos, entre primeira e terceira série. E nós guardávamos esses materiais com muito cuidado, não porque o pai ameaçou, mas porque sentíamos que aquilo tudo era muito importante. E com um orgulho: estudávamos a uns 15 minutos de casa, numa região especialmente pobre, com colegas que moravam na favela ali do lado e passavam o ano inteiro sem nem ter o material escolar. Muitos nem tinham os livros. Nós não, sempre tínhamos nas primeiras semanas toda a lista comprada, com materiais cuidadosamente encapados e etiquetados. E a minha mãe sentia a mesma coisa com as roupas da escola, que eram tão importantes quanto as roupas da missa de domingo. Iamos estudar de cabelo sempre penteado, unhas bem cortadas e limpas pelo meu pai. Com roupas que seriam usadas por muito tempo, iam ficando gastas, mas sempre em condições de ir para escola. Depois, com o tempo, a responsabilidade com o material passa a ser nossa, eu mesma cuido e encapo os meus cadernos, faço o mesmo com o do Luiz, meu irmão caçula. Tudo aquilo que meu pai fazia por mim, a gente passa a fazer pelos irmãos mais novos. Olhando ao redor, na sala de aula, eu até me sentia privilegiada, e é só você olhar a peneira: eu sentia a evasão escolar, lá no fim dos anos 70 e começo dos 80, como algo enorme. Quando eu estava na sétima série, só tinham duas turmas naquela faixa. Já na oitava, era uma só, com 15 alunos, porque, aos 14 anos, os adolescentes já começavam a arranjar trabalho, iam estudar de noite para trabalhar de dia. Para os meninos, em especial, era muito fácil conseguir emprego de office boy. Enquanto isso, eu e meus irmãos pudemos só estudar, não tivemos que nos preocupar com o trabalho, porque o nosso pai fazia absoluta questão disso. Não tinha luxo em casa, sem supérfluos, vivíamos com o

mínimo necessário e meus pais equilibravam as contas, os trocados que a gente tinha. Depois que o seu avô começa a trabalhar como autônomo, demitido da Tintas Wanda, tem uma fase muito ruim, de passar um certo aperto, mas depois as coisas se estabilizam, dá para começar a ter uns pequenos luxos. Então, alguém que se dedica exclusivamente ao estudo, naquele momento, é um privilegiado. Esse mantra, de que nosso pai veio para dar estudo aos filhos, que eu, Rose e todos os filhos ouvimos a vida inteira, não era só algo escutado: todas as ações giravam em torno disso, de dar essa possibilidade. Meu pai trabalhava e o Joaquim começou a ajudar de alguma forma, com 13 e 14 anos, mas com tarefas administrativas, fazer contratos, orçamentos. Até eu ajudei um pouco, calculando cartões de ponto dos empregados, na calculadora, a gente fazia isso para ajudar o seu avô, de noite, no final de semana, mas não era a coisa mais importante. O mais importante era estudar, sempre. E a frase da sua avó sempre foi: Saber morre com a gente. O que você aprende ninguém tira de você, é algo que você tem para sua vida inteira. Quando eu era adolescente, meu pai me induzia a fazer o que ele queria, não dizia que não, mas dava a opinião dele. Por que eu não virava a filha rebelde? Por ver que ele fez tanto por mim sempre, o tempo todo, que seria uma ingratidão. Aí passa uns anos, você vai vivendo, amadurece, se distancia, olha com outros olhos e passa a admitir: Poxa, meu pai tinha razão. Eu cheguei onde muitos dos meus colegas não chegaram. Quantas das minhas colegas de escola chegaram numa universidade? Tiveram uma vida bem sucedida depois? A maioria acabou ficando grávida precocemente ou indo trabalhar e ficando em subempregos. Toda essa busca por estudar era chegar em algum lugar maior. Fazer faculdade era uma coisa extremamente importante para ele e se tornou para gente, aquele objetivo maior do que todo o resto. Estudar te dá mobilidade social e ele sabia disso. Fico pensando que ele tinha 23 anos quando veio para cá, praticamente a sua idade, e já tinha responsabilidades tão diferentes. Eu até fiquei me perguntando, por que ele veio e não pensou que ele próprio pudesse estudar? Seu avô é uma pessoa extremamente inteligente e que, infelizmente, não teve oportunidade, uma pessoa semi alfabetizada, estudou três anos de escola rural.

Estudo sempre faz falta, filho

(Era uma ótima pergunta: Você, quando veio para São Paulo, não pensou em estudar também? Por que só seus filhos? Perguntei, então, na vez seguinte que nos

encontramos). Quando eu cheguei aqui em São Paulo, eu até pensava em estudar, mas vieram os filhos, as coisas para resolver, e fica difícil trabalhar de dia e estudar de noite. Então, eu fui deixando de lado, o tempo passou. Nos meus dias de Tintas Wanda, até tinha uma assistente social que incentivava o pessoal a cursar o Mobral (*Movimento Brasileiro de Alfabetização, órgão do governo federal que, entre 1967 e 1985, atuou no ensino de jovens e adultos*). Na época, até comecei a pensar nisso, mas acabei desistindo. Fiquei com o que eu fui atrás, independentemente, e o que aprendi na Bahia pela escola na roça, que eu frequentei até 1959, quando fiz o terceiro ano do primário. Minha vida escolar sempre foi de andar muito: eu comecei a ir com uns sete anos, mas por ser muito pequenininho ficava cansado de caminhar tanto e tive que desistir. Nossa escola era na Fazenda Nova, já que o dono era meio político, tinha influência, e puseram a mulher dele como professora. Depois eu até voltei a frequentar, mas eram uns 5 km de caminhada a pé. E você sair meio-dia, com fome, para caminhar todo aquele trecho no sol pelando, não era fácil. Até chegou a abrir uma escola perto de casa, mas a professora não aceitou a gente: ela tinha estudado com Zete e, quando virou professora na roça, disse que Zete criticou, debochou que ela não era professora coisa nenhuma. E aí, quando fomos nos matricular, ela não aceitou. Teve ainda outro problema que me fez parar de estudar de vez: veio a seca de 1961, a maior que já tínhamos vivido, e a gente tinha que trabalhar, cuidar das criações, das nossas coisas, então eu não podia caminhar até a escola. Mas, mesmo tendo estudado, naquela época eu não sabia nada, só somar e diminuir, aprendi tudo depois. Conta de dividir fui aprender com papai, que era muito inteligente nisso, depois dessa época. Quando nós chegamos na Baixa Grande, tinha muita gente que trabalhava nos pastos e os caras não confiavam nos pagamentos dos patrões. Então, eles faziam fila atrás de mim para que eu conferisse as contas. (*Perguntei para o Vovô se ele queria estudar mais. Ele confirma, quando Mama decide complementar:*) Naquele tempo não tinha escola, era um quebra-galho. Eu não estudei, sou praticamente analfabeto, faço meu nome malem. Estudo sempre faz falta, Pedro.

Baixa escolaridade era padrão naqueles imigrantes

O perfil de Izaías Lobo coincide com as características mais comuns daqueles migrantes de longa distância: homens em idade altamente produtiva, de 17 a 30 anos, com baixa

escolaridade em relação ao local de destino. Esse perfil é ressaltado por Cunha, pesquisador do Nepo-Unicamp, e José Irineu Rangel Rigotti, doutor em Demografia pelo Cedeplar (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais).

Outra característica que coincide é a transição entre setor da economia no mercado de trabalho. No momento de transição do rural para o urbano, naquele período, grande parte da mão de obra brasileira passa do setor primário da economia, da agropecuária, para o secundário — da indústria e construção civil — e terciário, o da prestação de serviços. O movimento é demonstrado em *As migrações inter-regionais e urbanas e o crescimento econômico no Brasil* (1980), livro de Douglas H. Graham e Sergio Buarque de Hollanda Filho.

Autoestima de baiana e de baiano

(*Chega um certo ponto em que relações pai e filho ganham um quê de simbiose, tão íntimas que é difícil separar o que é de um e o que é de outro. Em certas relações que Tia Rita lembra, as coisas vão se entrelaçando*). Quando eu era criança, tinha algo que eu ouvia e me incomodava: era um certo preconceito contra nordestinos, que ainda existe até hoje. Piadinhas que tratavam Baiano ou Paraíba como sinônimo do nordestino, como se fossem pessoas pouco inteligentes, uma coisa pejorativa. Esse baiano, baiano isso, baiano aquilo, e eu me sentia um pouco incomodada. Olhava para mim mesma e falava: Eu sou a prova contrária disso, porque eu sou uma pessoa muito inteligente, uma ótima aluna. Vai achando que baiano é burro, está muito enganado, meu pai é muito inteligente e meu irmão também. Sentia isso na sociedade em geral, na escola. Não que as pessoas estivessem se referindo a mim, até porque a maioria nem devia saber que eu era baiana, cheguei aqui com dois anos de idade, já não tinha mais sotaque. Mas quando eu ouvia essas piadas, esses comentários, eu tomava essas dores para mim. Eu sentia isso. Não entrava em discussões, mas meu pensamento lá no íntimo era esse: Vocês não sabem o que estão dizendo. Vão achando que baiano não chega a lugar nenhum, vocês vão ver só onde eu vou chegar. E acho que de certa

forma cheguei. Mas essa autoestima, de não abaixar a cabeça, tem muito a ver com o meu pai: ele gosta de conversar com as pessoas, com diretora de escola, com engenheiro, e levando tudo de igual para igual. Seu avô nunca se sentiu inferior a ninguém, ele podia ser alguém de baixa instrução formal, mas ele não se achava inferior. Conversava com as pessoas, aprendia com elas, e sempre achou que também podia contribuir de alguma forma. Eu fico pensando em alguns colegas de faculdade. A USP é um lugar elitista, o curso de arquitetura mais ainda. Talvez hoje menos por causa das cotas, mas quando eu entrei lá, em 1990, numa época sem políticas afirmativas nem nada, só tinha alguns alunos vindo da escola pública, aqueles que você sabia que se esforçaram muito para estar ali. E vão formando as panelas: a dos muito ricos, a dos mais ou menos, os similares acabam se aglutinando. E no momento em que eu convivo com aquelas pessoas nas mesmas condições sociais que eu, especialmente os vindos do ensino público, descobri que muitos dos meus colegas se sentiam inferiores, tinham questões pessoais de autoestima. Eu nunca me senti inferior a ninguém e isso foi algo que ele passou para nós, de achar que você tem o seu valor, que pode contribuir sempre.

É curioso porque tem uma coisa que eu ouvi, uma bobagem, e ficou naquelas frases que a gente escuta e que acaba não esquecendo. A USP era um lugar fisicamente muito perto da gente, e mesmo nunca tendo ido lá, antes do vestibular, desde pequena conhecia aquele lugar famoso e importante. E eu disse uma vez: Ah, eu vou estudar arquitetura na USP. Era criança ainda, devia ter uns 9 ou 10 anos, talvez. E uma pessoa, ninguém do lado otimista e próximo da família, virou para mim e disse: Deixa de ser besta, menina, teu pai não é rico. Isso ficou na minha cabeça. Como assim eu não posso fazer USP porque meu pai não é rico?! Esse negócio foi me impulsionando junto com todo o resto.

“Se você é burro, eu não sou.”

(Com os problemas no ouvido que Vovô tem tido, sempre que chegar na casa dele pela noite, você vai se deparar com algum telejornal em um dos volumes mais altos. Quando ele decide contar uma história, um desafio é ouví-lo em meio ao noticiário, ele precisa repetir as frases algumas vezes. Em uma semana dessas, sentei no sofá e ele me contou uma de suas histórias favoritas, que sempre gosta de contar, que envolve uma trena.)

Nos meus primeiros meses por aqui, trabalhei em várias firmas, nunca demorei em nenhuma. Ou acabava, ou tinha problema com mestre de obra... Assim começou a vida. Um dos meus primeiros foi como carpinteiro na beira da Marginal Tietê, depois da Ponte dos Remédios, um lugar de tratamento de esgoto, ruim pra trabalhar, fedido, mas com muita coisa pra fazer lá dentro, serviços muito grandes. E, como recebi serviço pro lado de lá, arrumei pra morar numa pensão na Vila Leopoldina, até porque a casa do Tio Irineu já estava ficando pequena: quando eu cheguei lá, já tinha um outro sobrinho morando, depois de uns meses veio morar também o João, meu cunhado. Já decidi que não ia ficar, era gente demais na casa dos outros, três sobrinhos não dá. Logo que saí da Bahia, dois dias depois, Jó saiu de Baixa Grande e foi para Salvador, arranjou emprego de ajudante geral numa indústria de chocolate chamada Chadler. Mas lá não estava dando certo também, ele me escreveu, queria vir pra cá e combinamos. Em janeiro, ele veio para São Paulo e foi morar na pensão comigo. Assim que ele chegou, fui na firma e pedi a conta, para a gente trabalhar junto. Os caras da pensão me chamavam de doido, ficando desempregado bem na hora que meu irmão chegou, mas não liguei, achamos serviço e logo depois compramos o meu terreno, construindo todo final de semana, até que conseguimos nos mudar em abril de 1972, só com quarto e banheiro de pé.

Nessas idas e vindas, eu entrei numa obra lá no Sumaré, pegando já com um pessoal conhecido, e tinha um mestre de obras que sempre voltava do almoço com duas cachaças na cabeça... aí começava: Izaías, eu vou tirar um cochilo e você fica cuidando das coisas, está aqui a planta. Entregava na minha mão e foi nisso que eu comecei a ver e entender planta. Mas, desde esse momento, já foi surgindo uma inveja do pessoal. Para você entender, em obra de carpinteiro é o seguinte esquema: tem o barraco dos carpinteiros e geralmente os caras botavam um banco, sentavam e punham a mala de ferramenta do lado. Só que, toda vez que eu chegava do almoço, minha mala estava no meio da casa, aí já fui aborrecendo... A gota d'água foi o dia em que eu estava subindo uma viga no elevador, peguei a trena e fui medir para ver de onde era aquela viga. Pegava o desenho e olhava... Até que um outro mestre que não ia com a minha cara, um sujeito do Jardim D'April, chegou pra mim e resmungou: O engenheiro daqui não gosta que carpinteiro fique olhando desenho. Me enfureci, peguei a trena e medi a viga, deu 6,7m, não

esqueço até hoje. Abri, mostrei a medida na cara dele: Se você é burro, eu não sou, isso aqui é um número, seis metros e setenta centímetros.

No dia seguinte, me mandaram embora. Bom, já que estava demitido mesmo, decidi que era a hora de buscar Maria. Na época, a gente pagava duas prestações do nosso terreno no João XXIII, a imobiliária e o proprietário. E o proprietário, um cara chamado Paulo, ali do Rio Pequeno, me falou assim: Izaías, se você quiser buscar sua família, pode ir que não tem problema. Você atrasa minhas parcelas, não tem erro não. Aí peguei e fui na Bahia buscar Maria, em junho de 1972. Trazendo até minha irmã, Zete, junto, que tinha acabado de sair de um noivado que deu errado e falou para mim: eu vou nem que seja pra dormir num cantinho do banheiro.

Mas essa polêmica por conseguir entender planta não acabou por ali, foi me seguindo por onde eu passei. Pouco tempo depois, eu estava procurando serviço e encontrei um empreiteiro, num prédio da Faria Lima, que queria saber se eu lia desenho. Ele combinou comigo um salário mais alto, mandou registrar em minha carteira, e, quando viram o dinheiro que ele ia me pagar, os caras endoidaram — Não é possível, está ficando maluco?! Não é esse o salário de carpinteiro. Ligaram para o empreiteiro e confirmaram. Era ciúme, eu sabia ler planta e eles não sabiam. Enfrentei muitas barreiras quando eu me desenvolvi e aprendi outras coisas, porque os caras ficavam com medo de perder vaga pra mim.

(Em quesito de trabalho, meu pai Joaquim é provavelmente a pessoa que melhor conhece meu avô, algo sempre mencionado pelos irmãos. Meu pai começou a ajudar na obra no início dos anos 1980, entre os 12 e 13 anos, seguindo quando foi aberta a firma, empreiteira Barros & Lobo, e trabalhando juntos até 2012, quando a empresa e, por consequência, as contas não iam bem. Viveram o auge e o ocaso empresarial juntos. Eu quis, então, perguntar de onde veio o sucesso do meu avô, o que o fez prosperar? Papai lembra desses casos da leitura de plantas:)

Meu pai tinha um objetivo e conseguiu alcançar numa época que não era simples sair do Nordeste e se adaptar. Imagina quantos nordestinos vieram para o Sudeste e conseguiram fazer aquilo que se propunham: eu não tenho números, mas imagino que um monte de gente tenha vindo para cá e se frustrado, voltado para casa. Tio Elói mesmo, irmão da minha mãe, veio antes que meu pai e voltou. Porque, naquela época, ir para São Paulo era algo distante. Foi sorte? Dependendo do campo que

você olhar, cada um vai ter uma explicação: a gente precisa querer, mas a vida também precisa, mais do que a gente. Não foi sorte. Ele tinha uma vantagem porque a construção civil estava se expandindo e tinha um mercado para mão de obra barata, mas ele sempre teve uma certa habilidade.

Seu avô tinha qualificação, mas não formal, não tinha feito curso de carpinteiro do Senac. Ele sempre fez isso e aprendeu na roça, vendo o pai dele fazer. Hoje, eu observo muito aluno de Engenharia pastando para entender planta de elétrica com diagrama unifilar. E meu pai sabe ler. Planta de armação para concreto, com vista de corte e vista lateral, não é nada fácil. E ele sabe ler. São muitas especificidades, tem gente que trabalha a vida inteira e não aprende. Ele aprendeu. Na obra, a gente entrega a planta de forma para os carpinteiros e a planta de armação para os amadores, específica deles. E aí, eu te asseguro: ali tem uma certa linguagem que não é simples de decifrar. Com formação, é acessível para todo mundo, quem fez Engenharia ou um técnico em Edificações. Mas para quem nunca viu...

O grande problema das pessoas que contratam obra é que elas olham no papel e não conseguem imaginar na cabeça, passar do 2D para o 3D. Nem todo proprietário, que pagou pelo projeto, consegue enxergar aquilo que o arquiteto apresentou para ele. Por isso que depois vem a frustração, essa é daquelas habilidades de cada um. E meu pai lê, consegue visualizar, até melhor que eu, que não sou tão ágil para enxergar o desenho na minha cabeça, não tanto quanto ele e Rita. Está naquelas ferramentas pessoais, os dons para desempenhar certas atividades. Mas a maior de todas as habilidades do meu pai, que não permitiram ele voltar para casa, é a seguinte: a capacidade e a determinação de quando você sabe que é capaz, mesmo que não tivesse feito ainda. Como não é para mim? É claro que é para mim. Os outros podiam achar que não, mas ele sabia que tinha a capacidade e a determinação, mesmo sem ter feito antes. E, nessa parte, o jeito da gente pensar é parecido: tem que ser bem feito.

Nas décadas da migração, cresceu a desigualdade social

Apesar da dificuldade em registrar sucesso ou fracasso nas migrações individuais, a nível nacional, José Cunha (NEPO-Unicamp) relaciona o crescimento da desigualdade

social nos anos 1980 também com o boom das migrações, iniciado na década anterior. Enquanto os anos 1970 foram de crescimento intenso no país e redução da pobreza absoluta, os 80 foram considerados uma "década perdida" no crescimento econômico, com aumento considerável da desigualdade social e piora na pobreza absoluta, em especial com o problema da inflação alta. Um dos registros desse movimento é o artigo *Desigualdade e pobreza no Brasil no período 1979-90* (1995), de Rodolfo Hoffmann.

"A lista dos que prosperaram com a migração, [especialmente a partir do final dos anos 1970] é restrita. Se você conversar com seu avô, provavelmente ele vai encontrar vários amigos que tentaram, fizeram de tudo e não deram certo como ele deu. Não era só questão de esforço. Ao mesmo tempo em que o Brasil crescia muito, era um momento onde se incrementou muito a desigualdade social. Os militares falavam em esperar crescer o bolo para depois dividir, mas esse bolo crescia e nunca se dividia", comenta Cunha. Mesmo antes de Izaías vir a São Paulo, já havia o exemplo de seu cunhado, Elói, que emigrou à capital paulista, morou com o Tio Irineu e voltou à Bahia algum tempo depois, sem alcançar o sucesso que planejava.

Se ele tem, ele divide.

(Aos quatro filhos do meu avô, resolvi perguntar quem é essa figura, como eles o descreveriam. Nas respostas, duas palavras costumam andar juntas: ingênuo e generoso. Esse espírito vem mesmo na dificuldade de Tia Rose em descrever essa pessoa. Quem é seu pai?)

É difícil falar do próprio pai, sabia? Você conhece a importância da pessoa, mas o pensar é um exercício difícil. Acho que o que mais representa o meu pai é a honestidade. E uma pessoa de coração muito bom, desde a história da vinda a São Paulo, em que não era só sobre ele, mas ter pensado nos outros. Ele sempre quis ajudar todo mundo, o que às vezes poderíamos chamar de Mão Aberta. Mas não, se ele tinha, ele dividia.

(Para Tia Rita, dois episódios vêm à mente.)

Ele é essa pessoa super generosa, preocupado com o cuidado da família, mas com cuidado do bairro, participando de escola, igreja, associação de bairro, tudo com uma preocupação social, nada individualista. Eu lembro de um menino que vinha todo santo dia pedir pão na porta da nossa casa, e a minha mãe dava o pão para ele. Meu pai fez uma caixa de engraxate para esse menino, pegou o tempo curto que ele tinha para fazer isso. Seu avô acredita nas pessoas, acho até que é uma pessoa ingênua, e isso não mudou. Nessa generosidade dele, hoje em dia, talvez alguém como seu avô seria facilmente enganado. Tem um episódio, numa vez em que a gente estava voltando da Bahia, coisa que fiz poucas vezes na minha infância: devia ser 1974, a Rose era pequena, devia ter um ano, eu devia ter uns quatro, e tinha um rapaz muito jovem no ônibus, vindo para São Paulo pela primeira vez. Não conhecia nada aqui e a única coisa que tinha era o endereço de um tio dele em Guarulhos, mas ele não fazia a menor ideia de como chegar nesse lugar, para onde ir. E aí o seu avô, no instinto generoso dele, conheceu esse rapaz durante a viagem, trouxe para casa com a gente e ele passou a noite lá. No dia seguinte, foi com ele até Guarulhos para tentar achar o endereço desse tio. Imagina ele chegando de uma viagem de três dias, cansado, resolvendo acordar cedo no dia seguinte para ajudar alguém que ele nem conhecia? Mas ele se dispunha a fazer, e faz até hoje, é uma coisa que a gente vai aprendendo nessa convivência. É o extremo da generosidade que chega nesse ponto, e acho que essa é uma parte importante da nossa formação. Eu sei que se precisar de qualquer coisa no mundo, e pedir para qualquer um dos meus irmãos, vou ser ouvida e atendida na medida do que eles puderem, sem nem pensar. Óbvio que isso também vem da minha mãe, que tem histórias dessas, mas dele em especial. Até pelo meu pai ter vivido isso com o pai dele, que já foi uma influência. Meu avô Joaquim tinha essa coisa de ser muito generoso com as pessoas, mesmo vindo de uma família com umas mesquinharias. Incluindo a história que fez os meus pais serem vizinhos praticamente a vida toda: meu avô Joaquim era tão amigo do meu avô Cecílio que quando a situação do lugar onde eles viviam deixou de ser boa, em Pataíba, com longos períodos de seca, terra já não tão produtiva, e ele descobre que Baixa Grande não é tão longe e tem possibilidade de começar uma vida diferente lá, ele

convida o amigo para vir com a família toda e dá suporte. Meu avô Joaquim deu todo apoio pro meu avô Cecílio também se mudar.

A Casa do Imigrante no Jd. João XXIII

(Relembrando de trás para frente a vinda de seu pai para São Paulo e tudo que girou em torno disso, Tia Rita esbarra na lembrança de sua casa na infância, construída aos poucos e muito habitada nos anos 1970 e metade dos 1980.)

Quando meus pais chegaram aqui e em boa parte da minha infância, o Jd. João XXIII era um lugar no fim do mundo, no meio do nada, vazio. Tinha uma casinha aqui e outra ali, o resto da rua era mato, parecia uma estradinha aberta de terra, não tinha nada. Sem energia elétrica, nem asfalto, nem guia, nem sarjeta. Nos primeiros anos, nossa casa era uma casinha com um reboco bem precário de cimento. O banheiro nem tinha lavatório, a gente escovava dente na canequinha, num tanque ali fora. E é um lugar que vai crescendo ao longo dos anos, na base do mutirão com vizinhos e família, para nos acomodar e também, óbvio, para ser mais confortável. Durante a minha infância inteira a gente trabalhava na construção da casa: no final de semana, carregava bloco, fazia massa e depois lavava tudo. Para retomar no sábado seguinte, de novo, de novo e de novo. As crianças tinham tamanho suficiente para descarregar o caminhão de tijolo, então eu por volta dos 10 anos transportava material, carregando tijolo de dois em dois, o quanto conseguisse. E esses mutirões eram meio que um rodízio: todo mundo se reunia para trabalhar lá em casa, depois todo mundo se reuniu para construir a casa do tio Jó, depois da tia Zete, dos vizinhos. Se fosse dia de laje, vinha todo mundo para fazer e depois se oferecia um churrasco. E, no final de tudo, ainda tinha que dar acabamento, que é uma coisa que não acaba nunca, então nós moramos numa casa sem reboco durante anos. Mas dava para chamar nossa casa, facilmente, de Casa do Imigrante porque todo mundo passou por lá. Primeiro o Tio Jó, que chegou aqui em 1972. Depois, quando meu pai veio para São Paulo e trouxe a minha mãe junto, veio a tia Zete. O irmão da minha mãe, tio João, já tinha vindo também um pouco antes. Tinha uma época em que eram dois cômodos para acomodar meu pai, minha mãe, Joaquim, eu, a tia Zete e o tio Jó. Tia Zete ficou por lá uns dois anos até casar e morar na casa da sogra dela. Aí a Tia Adelaide, esposa do Tio Jó e irmã da minha mãe, veio e morou com a gente por seis anos, quando já tinham ampliado a casa. E

nessa época, a cozinha era um lugar curioso porque tinha dois fogões, eram duas famílias ocupando a mesma casa, mas com vidas um pouco separadas. Cada um tinha sua comida, ao mesmo tempo em que dividiam a pia. Eles, inclusive, conseguiram comprar uma geladeira anos antes de nós, usávamos a dela por muito tempo. Nossa primeira geladeira foi uma doação da vizinha, num dia em que ela conseguiu comprar uma nova. Mas eu lembro do dia em que eles foram embora para casa deles, ficou um vazio tão grande na casa, uma coisa tão estranha. Acho que foi a primeira vez que eu tive essa sensação do vazio. É curioso isso porque a minha mãe deve ter vivido essa sensação diversas vezes, com várias despedidas, depois os próprios filhos casando e indo embora. Após essa saída, seu avô reforma a casa de novo e chega Tio Antônio, que fazia um rodízio na casa dos irmãos, mas as roupas dele ficavam na nossa, era minha mãe que lavava. Depois, a Tia Zezé, irmã do meu pai, veio com esposo e filho e ficou morando lá em casa por mais de um ano. Daí, todo mundo se mexe de novo nos cômodos para se adaptar, e seu pai, por exemplo, perde o quarto dele e vem dormir no mesmo quarto que eu e a Rose. Tem uma prima da minha mãe que meio que deu a louca, casou no interior de São Paulo, e de repente chega lá em casa, com a mudança, procurando onde podia ficar. Então, todo mundo se desloca de novo e eles ficaram morando lá no quarto por algumas semanas, um mês. Não foi muito, mas eles ficaram alojados lá, e todo mundo que decide vir a São Paulo começa a se alojar conosco. O Gilvan, que é sobrinho da minha mãe, ficou lá em casa por um bom tempo. Levou muitos anos para aquela casa ser só nossa, sempre tinha alguém por lá, e a gente se reorganiza, cede quarto, põe mais um. Sempre cabia mais um, mesmo que alguns reclamassem, se incomodassem. É esse movimento de uma casa sempre cheia, mas sempre acolhedora.

Filho de pobre seca fraldas na tábua de passar

(Com todas essas histórias, uma dúvida que tinha era sobre desistência. Vovô nunca pensou em desistir? Voltar para perto dos pais, esquecer essa história de São Paulo. Ele é categórico, diz que não, com exceção de uma vez nos primeiros meses.)

Eu cheguei aqui em julho e, naquela época, o tempo era muito frio, tá doido. Nos tempos de Cidade Universitária, a gente trabalhava no relento, com aquela garoa

fina que mesmo com a capa que ganhávamos não resolia. Eu lembro de um dia ter começado uma garoa dessas, com um frio tão danado, e nosso trabalho de carpinteiro todo exposto, logo no início da obra, que eu pensei seriamente: Vou embora dessa terra, não vou ficar aqui nada. Eu só não fui embora porque tive que me alistar no Exército, já que estava com 22 anos e não tinha me alistado na Bahia — tive que esperar até outubro para receber minha Carteira de Reservista, e até lá o tempo esquentou e eu animei, mas não foi fácil. (*Algumas semanas atrás, Vovô me ligou em dia de semana, precisava falar comigo. Era dia 21 de abril e completou-se 51 anos em que ele se mudou para o terreno em que mora até hoje, no Jardim João XXIII, ao lado de Tio Jó, seu irmão. Ali, o frio também estava presente*). Nossa senhora, no dia em que eu mudei aqui com Jó, em 21 de abril de 1972, nós chegamos e não tinha colchão, cama e nem nada, tudo que a gente tinha para proteger era uma capa boiadeira, que trouxemos da Bahia. Tínhamos feito aquele chão de cimento queimado, nos deitamos nele e você não aguentava o frio. Aquela casa só de telha, nem telhado e nem forro, um terror. Foi uma noite amargurada. Tudo o que estava construído era um quarto com banheirinho lá no fundo. Os móveis, fogão e cama, já estavam comprados, mas não tinham chegado. Foi no sábado, dia seguinte, em que eu fui trabalhar e Jó foi até a loja de móveis, na Lapa, arrumar um carro que trouxessem. Nessa altura, eu até já tinha blusa, que entendi que precisava comprar quando cheguei em São Paulo, de madrugada, na rodoviária. Comprei na manhã seguinte, porque nunca tinha precisado usar uma blusa, lá na roça a gente não usava. E sua avó, que veio para cá em junho de 1972, também passou bastante frio aqui — Nós estamos usando, inclusive, a primeira coberta que compramos quando ela chegou aqui (*Mama conversa, mas não gosta de falar de dificuldades do passado. Ouço Vovó:*) Misericórdia. Isso é passado, não gosto nem de me lembrar dessas histórias. Eu não sei se era muito ou se era pouco gelo, mas eu não conhecia o que era frio, vivi minha vida toda sem saber o que era blusa, a gente vivia lá dentro daquelas Caatinga, num calor o tempo todo, para chegar aqui e encontrar esse mundo, meu filho. Vou te contar... o que passou, passou. Naquele tempo, na Bahia, falar em blusa era até crime. E essa coberta que seu avô falou, Pedro, foi a coberta que compramos a prestação, numa loja que tinha lá em Pinheiros com nome Skala. Mas eu vou te contar, não foi brinquedo não, é um tempo que eu não gosto de olhar para trás. Eu ando para frente. Rose nasceu no mês de julho e, naquela época, não tinha nem sol para secar roupa, tinha que secar

no ferro. E, naquele tempo, não tinha fralda descartável para a gente. Quem já estava fabricando era a Johnson & Johnson, que era muito cara, isso era para quem tinha grana, filho, não era para filho de pobre não, nós tínhamos fralda de pano para pôr no bumbum do neném. Era um negócio terrível. Porque nós não tínhamos sol, garoava o dia inteiro. Era uma história... vamos pular essa parte, eu não quero nem saber, hoje eu estou melhor. Graças a Deus o perigo já passou. Hoje eu tenho para dividir com quem não tem. Hoje, se eu achar uma pessoa que precisa de uma blusa, eu tenho para repartir e reparto com muito prazer, porque eu me ponho no lugar do outro. Não é fácil, não. (*Um dia desses, minha prima Mariana chegou em festa de família com um belo vestido estampado, de cor que mistura rosa e vermelho. Contou que a vó deu para ela. Quando Mari passou perto do fogão, em que vovó esquentava a barriga fritando suas famosas coxinhas e bolinhas de queijo, ela exclamou para a neta: Filha, eu me realizo vendo você desse jeito. Imaginei que fosse pela roupa bonita, que na adolescência e início de vida adulta não podia comprar.*)

Visita a Baixa Grande

(*Quando perguntei ao Tio Lula sobre a importância da vinda de Vovô para cá, ele encheu a boca para falar dos méritos e da coragem do pai. Não demorou muito para que o assunto se tornasse a vida no interior, que meu avô teve como modo de vida por décadas, mas que meu tio teve um gostinho durante a infância, certo do choque de realidade entre esses dois mundos:) Uma das pessoas que mais foi para Baixa Grande, e frequentou, fui eu, porque a mãe ia todo ano e me levava junto. Tenho muitas lembranças de lá. O trabalho das crianças, meu e das minhas primas, era ir atrás da água, então lembro de pegar o jeguinho muitas vezes, pelo menos dia sim e dia não, para buscar nossa água do banho. Ia na lagoa, enchia os tambores e jogava na caixa d'água para poder tomar banho gelado. Ou então banho de cuia, com água esquentada no fogão à lenha. Dependendo do ano, de seca ou não, estavam as vacas de um lado da lagoa, bebendo e cagando, e do outro lado você catando água pra se banhar. Olhava para a água e não sabia se ela ia lavar ou sujar, mas era a que tinha, ficava numa baixada, onde era feita uma represinha com máquina, e a água ia juntando com a chuva. E tinha a cisterna de cimento, que juntava água da chuva para a gente beber. Eu vivi isso. Minhas lembranças mais fortes são da família da mãe mesmo, que visitei quando mais grandinho. Do meu*

pai, tenho muito forte a memória do fogão de lenha da minha avó Firmina, que era sempre muito bem ilustrado, comprido, feito com barro queimado. Eu ficava impressionado, estava sempre brilhando, impecável. Banheiro? Não tinha, íamos no mato. E, quando escurecia, a gente passava o tempo na varanda da casa, à luz do candeeiro, feito com lata de óleo e querosene, porque não tinha energia elétrica, proseando e queimando bosta de gado seca para afastar os mosquitos. E ficava olhando pro mundo, pro nada.

Íamos sempre só eu e ela porque não tinha grana para que fosse todo mundo, eu era pequeno e não pagava passagem. Baixa Grande era, e ainda é, uma cidade pequena, com o rural empregando as pessoas e uma feira de sábado que movimentava a cidade. Ali, todos que moravam perto e tinham sua criação, sua plantação, iam para a feira tentar vender. Automaticamente, as outras iam comprar, então era o único dia que a cidade tinha um movimento mesmo. Na feira, tinha a parte de carnes, que era uma banca de cimento com azulejos, onde eles ficavam abanando as moscas, totalmente higiênico; e na parte dos secos, dois galpões enormes. Era uma cidade com seus dois mercadinhos, alguns velhinhos vivendo da aposentadoria, com uma rua principal dos comércios, algumas travessas com casinhas simples e praça com igrejinha. Nas quartas-feiras, tinha uma feira em Ipirá, já uma cidade maior, mas todas as cidades da região funcionavam assim, movimentadas só no dia da feira. E nossas viagens para lá sempre foram de ônibus, foram poucas vezes que fomos de carro para a Bahia, já que meu pai não dirigiu por um bom tempo. Com motorista, eram três dias dentro da nossa Kombi com aquele barulho na cabeça. Imagine que era uma ótima viagem. Mas não perdia em nada para o ônibus velho, com banheiro fedido depois do segundo dia de viagem.

Transporte rodoviário assume a jornada dos imigrantes

A viagem de três dias entre Baixa Grande (BA) e São Paulo (SP) também é um marco de migração dos anos 1960 em diante, tendo o transporte rodoviário como principal meio de locomoção. Entre as décadas de 1930 e 50, o que predominava era o deslocamento ferroviário, passando por transição ao rodoviário nos anos seguintes: em 1950, 12% dos imigrantes

chegavam em São Paulo por meio das estradas; já em 1961, a porcentagem passa para 34% em viagens feitas por “paus-de-arara”, caminhões e posteriormente ônibus, em índices que foram ascendendo. Os dados são apresentados em *Migrações: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos* (1967), publicação feira por Santa Helena Bosco e Antonio Netto Jordão, mantido na biblioteca do IBGE.

Pai, faz um carinho para mim?

(Minha avó é cozinheira de mão cheia. Nós não nos vemos sempre, mesmo morando perto, mas é muito comum que nossos encontros sejam com um quitute que ela fez e me chama para buscar em sua casa. Um pão, torta de banana, salgados de festa em nosso aniversário. Vovô tem menos disso, mas é conhecido por sua farofa e docinhos de vez em quando, como ele lembra que acontecia em sua infância). Quando eu ainda era criança, uns 7 ou 8 anos, acontecia a feira de domingo e eu sempre ia porque tinha certeza que encontraria meu padrinho, chamado Izaías. Quando a gente se encontrava, ele me dava dois cruzeiros para comprar bombom recheado de açúcar colorido, toda semana, isso foi muito marcante. E, durante o ano, eram muito aniversários em casa, com tantos irmãos, mas mamãe nunca deixava passar em branco. Não tinha bolo, vela, mas ela sempre gostou de comemorar, fazia um almoço diferente, um arrozinho. Lá na roça, a comida do dia a dia era feijão e farinha, não se comia arroz quase nunca, só numa data especial. Matava uma galinha para acompanhar ou fazia um docinho para a gente. Essa sobremesa geralmente era um doce de leite, a ambrosia, ou cocada (*ouvir da cocada do vô até faz brilhar os olhos, foi o docinho que ele sempre fez para distribuir aos netos; queria saber onde ele aprendeu*). Eu aprendi a fazer ainda criança, com mamãe: comprava 100g de açúcar cristal na vendinha perto de casa e fazia as cocadinhas de leite, isso dava 13 pequenas, nos anos 1960 eu já fazia (*quando ouvi a descrição, franzi a testa para entender como as cocadinhas podiam não incluir coco. Mas era assim mesmo, se não tinha coco, virava esse docinho que não mudava de nome. Eu pensava que essa memória doce era só da minha infância, mas Tia Rita me corrigiu*). São retribuições: quando eu era pequena, era meu pai quem cortava as minhas unhas, lembro também dele penteando o meu

cabelo. E depois, quando eu fui me tornando adulta, eu me tornei a pessoa que corta as unhas dele, é a retribuição do gesto. É algo que eu gosto de fazer e acho que tem muito a ver com esse lado do meu pai, da generosidade, de pequenos gestos que você pode fazer para as pessoas. No carinho, na comida (*quando fala nela, uma memória faz Tia Rita abrir um sorriso na mesma hora*). O seu avô fazia cocadas pra gente quando nós éramos crianças, e eu tenho muito clara a imagem de como ele fazia, na nossa pia de mármore branco, lá naquela cozinha que tínhamos nos anos 1970. Para cortar os quadradinhos, ele não espalhava a cocada numa fórmula, mas em cima da pedra de mármore. Terminava de cozinhar, despejava e eu me lembro dela quente esparramando no mármore, depois ele vindo com a faca e cortando uma por uma. Fazer o doce para os filhos envovia uma certa dedicação de tempo, porque ele comprava o coco, daí quebrava, descascava, ralava e nós juntos com ele, assistindo tudo, até chegar no fogão. Era o gesto de um pai ocupado, mas que queria fazer parte, conviver e estar com a gente. Nas Tintas Wanda, até foi um período confortável, chegava em casa cedo por morar perto. Mas houve épocas em que ele trabalhava o dia inteiro. Quando ele é demitido e vira autônomo, passa a ter obras longe, volta para casa de ônibus, mais tarde, mais cansado, com mais preocupações. Tinha dias que ele ainda ia sentar no sofá para fazer contas, estudar o projeto da obra que ele estava fazendo, dar uma olhada de noite. A gente via que o tempo dele foi reduzindo para algumas coisas, mas ele continuava presente.

(*O trabalho manual é um orgulho de Vovô, que enche a boca para falar nessa veia da família. Estamos cercados das coisas que construímos com as próprias mãos, das casas em que moramos aos brinquedos das crianças. Para Tio Lula, até uma forma de carinho.*)

Atazanei muito seu avô para fazer meu primeiro carrinho de rolemã. Foram três ou quatro noites em que ele chegava do trabalho, de noite, e pegava para construir, comigo do lado ajudando. Brinquei muito com aquele carrinho, queria saber se está na casa do meu pai até hoje.

Eu sempre fui muito próximo dele, muito ligado, hoje passo lá quase todos os dias da semana de manhã. Tem aquela história que o filho mais novo é mais mimado, mais apegado, mas também é uma proximidade pelo perfil, pelo dom: eu sempre

gostei de fazer as coisas, trabalhos manuais, e seu avô a mesma coisa, porque aprendeu com o pai dele. Então, isso sempre ligou muito a gente, em especial.

Confrontos diretos nas Diretas Já

(*No ano em que Tia Rose completou 10 anos, em 1983, o então deputado federal Dante de Oliveira, do PMDB-MT, apresentava a Proposta de Emenda Constitucional nº 05/1983, que visava reinstaurar as eleições diretas para presidente da República no Brasil, mudança que chegaria à população seis anos depois, em 1989. Na ocasião, jovens entre 16 e 17 anos passavam também a ter direito ao voto facultativo, memória viva para minha tia, como sua primeira ida às urnas. Tia Rita, por exemplo, não lembra do pai ter muito a dizer sobre os movimentos de redemocratização, contra o regime civil-militar, mas para Tia Rose era algo forte no seu imaginário*). Eu me recordo das movimentações pelas *Diretas Já* serem algo muito presente ao nosso redor, na televisão... Na igreja, por exemplo, os PTistas tinham muita voz, especialmente nos grupos de jovens, eram pessoas que falavam bastante sobre mudança. Na escola, ouvíamos discurso de alguns professores defendendo o fim do militarismo, a abertura, falavam no nome do Lula. E eu lembro do meu pai ser muito crítico em relação a isso: Imagina esses PTistas, esses comunistas, que absurdo. Algo que, naquele momento, era conflitante entre o que escutávamos em casa e o que existia fora dali. Como a primeira turma do voto aos 16, em 89, foi a primeira vez que votei no Lula, contra o Collor. E eu achava que meu pai ia falar um monte, ele tinha esse lado mais conservador, que achava que o Maluf era a melhor coisa, que não tinha de votar nos partidos de esquerda de jeito nenhum. Ele abominava: Imagina botar um comunista no governo. Mas a gente sabia que o país precisava de mudança.

Diretas Já mobilizaram o país, mas caíram na Câmara

Proposta em 2 de março de 1983, a PEC Dante de Oliveira foi votada na Câmara dos Deputados pouco mais de um ano depois, em 25 de abril de 1984, com 298 votos a favor — 22 a menos que o necessário para sua aprovação. Foram 65 negativas, três abstenções e 113 não comparecimentos. A queda do projeto sagraria a transição à democracia com

eleições indiretas, que em 1985 levaram a chapa de Tancredo Neves (PMDB-MG) e José Sarney (PMDB) à presidência da república, após 21 anos de ditadura civil-militar.

A votação pelas eleições diretas foi o culminar de um movimento que mobilizou parte relevante da população desde a proposição de emenda constitucional. O primeiro comício em prol das Diretas Já foi realizado no município de Abreu e Lima (PE), ainda em março de 1983, seguido por manifestações que tomaram as grandes metrópoles. O ano de 1984 ficou marcado como período dos mega comícios, como o da Cinelândia, no Rio de Janeiro, que mobilizou um milhão de pessoas; e o do Vale do Anhangabaú, em São Paulo, com 1,4 milhão de participantes, a nove dias da votação, que terminou com coro do hino nacional brasileiro.

Construtor de mansões

(Encontrei Vovô na casa dele já quando a estação fria batia à porta. Ele me abraçou com roupas quentinhas e uma das inseparáveis camisas de botão. Depois da Tintas Wanda, era o momento de perguntar sobre o que veio depois, já sabendo que o que viria já esbarra na minha linha temporal de nascido no ano 2000. Ouço Vovô:)

Como eu já te contei, saí da Tintas Wanda em 28 de novembro de 1978, como marceneiro, e virei pedreiro autônomo. Deixei de ter um convênio bom, fui enfrentar o INSS e não foi fácil pra gente, mas eu sabia o que queria. Ouvi muito do pessoal que eu tinha caído, descia um degrau, mas serviço de pedreiro tem muito mais demanda, é mais fácil de conseguir. Comecei com serviços pequenos para os vizinhos, rebocando casa, crescendo aos poucos, até que um cara ali embaixo, do outro lado da rua, me conhecia e me apresentou a um empreiteiro, Juraci Janini. Ele estava com uma obra enorme no Alto da Lapa, de 940 m², muito grande, e estava com medo de pegar sozinho. Me perguntaram se eu topava e aceitei na hora: Por que não? Começamos em novembro de 1981, a primeira que fizemos. Depois, em 1982, veio uma no bairro do Pacaembu, onde me apresentou ao Leopoldo, engenheiro que trabalhava junto com ele. Foi nessa obra que um dos empreiteiros foi fazer uma cirurgia e eu passei a tomar conta, virei mestre de obras, já que eu

sabia tudo. E fomos fazendo, eles me confiaram, foram me dando obras, fui me adaptando, e assim eu comecei a fazer mansões, que seria nosso negócio dali para frente.

Nessa altura, eu já tinha bastante conhecimento no mercado e precisava de mais espaço para crescer, poder contratar funcionário, não dava mais para ser autônomo e pegar as obras que eu estava pegando. Foi quando abri a empresa, a empreiteira Barros & Lobo, em janeiro de 1982. E, com o tempo, as coisas começaram a se reverter: Leopoldo foi quem começou a pegar muito obra por minha causa, eu ganho fama de bom empreiteiro e ela vai se espalhando, um indica para o outro. Tanto que chegamos na nossa maior obra, em 1991 ou 92, a de Itatiba, fazenda do Paulo Abreu, que foi até senador: ficava na beira da Rodovia Dom Pedro, a uns 80 km de São Paulo, e tinha até campo de avião, que já estava construído quando chegamos. Ele era um dos grandes produtores de café e bicho da seda, foi uma obra de 1600 m², oito vezes o tamanho do lote da nossa casa, uma fazendona. Construímos a casa do zero, numa obra que começou em 2000 e durou 15 meses, e meu irmão Antônio morou lá com a família por um ano, numa das casas de caseiro. Depois dessa, a maior foi a de Santo Amaro, no Guarujá, de 1500 m², fizemos muita coisa naquela região, casas enormes, e nessa jornada conheci também arquitetos muito famosos, gostei de trabalhar com Pepe Asbun, fiz a obra da casa de Arthur Casas Mattos, com lareira giratória e tudo. Tivemos vários momentos ruins na história da empresa, lembro que em 1984 teve uma crise muito forte, logo assim que abrimos, mas sobrevivemos. E os bons? 1998 e 1999 até 2001 foram anos muito bons, com muito trabalho e que deram resultado financeiro, não perdemos grana. Por exemplo, a compra do terreno da sua casa foi em 1998, resultado de uma empresa que começou pequena, mas chegou a ter 102 funcionários, em 2003, pouco antes de me desligar do Leopoldo. E foi nesse ano mesmo que a situação começou a cair, começamos a dispensar funcionários, foram 53 praticamente de uma vez só, por falta de obra. Não tinha mais. A época no país foi ficando difícil, a concorrência aumentou e não tinha a possibilidade de trabalhar honestamente, a gente sempre quis fazer direito, tudo legal, registrado, e estávamos concorrendo com pessoas que não cumprem as leis nem registram funcionários. É difícil concorrer, a construção civil é muito desleal. Fomos prejudicados.

Fico pensando: por toda a vida, eu sempre contratei e dispensei pedreiro, nunca deixei essa tarefa para encarregado, sempre assumi, porque eu não queria queimar pessoas boas. Às vezes, o encarregado não gosta de alguém e prefere que dispense, mas nesses casos eu não dispensava, transferia de obra e preservava. Mandar e saber coordenar é questão de habilidade, não é todo mundo que tem. Eu sempre tive facilidade de lidar com pessoas, com o ser humano. E sempre fui muito respeitado, pela forma com que eu tratava os funcionários, nunca tive problema com ninguém. No final das contas, não fiquei rico, mas vivemos bem: seu pai tem uma casa boa, Rose, Luiz, Rita, todo mundo está bem na medida do possível. São mais de 450 obras construídas em 30 anos, obras residenciais, que eram o nosso forte, mansões. Outro dia, fui fazer um orçamento para aparelho de ouvido, e passei com seu Tio na frente de uma casa no Pacaembu que fizemos, e continua linda, aquela é uma obra de arte, quero passar com você e ver se conseguimos entrar para te mostrar. Essas casas eram todas mansões. Mas vou fechar a empresa, só falta acertar as contas do Narciso, e aí a empresa acaba. Já está praticamente desativada, mas ainda não fechei. Ano passado, 2022, fez 40 anos que abri, mas não fico triste, porque tudo tem começo, meio e fim. Toda a estrutura e a formação que demos para os filhos veio da empresa, e chegou um momento em que todo mundo está caminhando com seus próprios pés, não demos prosseguimento com os filhos, então já não dá mais, por isso estamos fechando. É a vida. Ainda sobrou uma camisa, com o símbolo e tudo, vou procurar para te mostrar, dos funcionários era aberta e a nossa fechada, polo, como dizem. Foi uma luta, uma batalha vencida e acho que cumprí uma etapa. Mesmo que muitos não reconheçam, ajudei bastante gente, principalmente a família.

(Vovô sente orgulho em dizer que a maior parte da família ou morou ou trabalhou com ele aqui em São Paulo. Manter os assuntos entre irmãos, tios e filhos tem suas vantagens e desvantagens. De todos, o que mais viveu isso foi Joaquim, meu pai:)

Para eu e meu pai, dentro da firma, nunca foi impessoal: houve um momento da vida em que todo mundo que era parente estava na empresa. Meu pai, eu, Luiz, Rose, Tio Jó, Tio Raimundo, Tio Antônio, o cunhado Flávio, a sobrinha Iara. Então, não era só negócio, e valia para todos, nunca tratamos só como empregado, meu pai sempre teve um lado humano. Aliás, também tive, mas eu achava que precisávamos manter um certo distanciamento, porque, sem isso, você perde a hora

de tomar decisões na vida, sobre empresa e negócio. Mas isso não é uma crítica porque a gente consegue enxergar essas coisas depois que elas passam. O distanciamento é importante, você não consegue ver na hora. Na época que a coisa estava boa, meu pai não esperava novembro para dar a primeira parcela do décimo terceiro, meu pai dava em junho. Se tinha dinheiro em caixa, ele já resolia. Lembro até de uma época, 1980 e qualquer coisa, em que meu pai mandou vir um pessoal da Bahia para trabalhar com ele na obra, devem ter vindo uns seis, conhecidos de conhecidos. Chegaram de viagem no sábado de manhã e só iam para a obra na segunda. Resultado: fui dormir na sala para eles ficarem no meu quarto, era assim que funcionava (*a organização de trabalho familiar já era prática de muito cedo, começando com o braço direito de vovô, quando autônomo, e o funcionário 01 da firma: meu pai, que lembra desde os primeiros passos, ainda na adolescência.*)

Quando meu pai abriu firma em 1982, eu tinha 12 para 13 anos, e ele não sabia fazer recibo, orçamento, contrato. Foi nisso que eu comecei a fazer essa parte da rotina de escritório, que era chata, mas que tinha de ser feita: pega os cartões de ponto, conta as horas, desconta as faltas, faz a somatória, prepara a ficha de pagamento, os holerites. Eu comecei a fazer essas coisas, até a hora que eu já estava na rotina da empresa, fazendo quase de tudo, orçamento, recibo, cobrança, folha de pagamento, recolhimentos, impostos. E ainda ia para a obra quando sobrava tempo. Meu pai até começou com um contador, amigo da família, mas mesmo pagando ele tinha chá de semancol, não podia depender dele para sempre. Então, uma das primeiras coisas que pai fez foi comprar uma máquina de escrever pra eu me virar e aprender, primeiro copiando os orçamentos do contador, depois fui desenvolvendo e aprendendo como manusear o negócio... absorvi por observação, até que eu consegui fazer por conta própria.

O fato é que muito antes de entrar no curso técnico de Edificações, eu já conhecia coisa de obra, já tinha ido, aprendido, lia planta, levantava parede bem, assentava tijolo bem, chapiscava mais ou menos. Até comecei a rebocar, mas eu tinha a mão muito dura para isso, zero habilidade. E quando eu entrei na faculdade de Engenharia, em 1991, desenho para mim já era uma realidade. Mas, na verdade, quando os meus colegas de escola resolveram fazer o ensino médio no Guaracy, todos decidiram fazer Eletrônica, então era óbvio que eu queria estar junto com eles, e teria conhecido o computador — que esse, sim, eu gosto muito. Meu pai

nunca me obrigou a fazer Edificações, mas ele sempre foi um empurrador de Edificações na minha vida. Eu não pleiteei ir para a Eletrônica, mas a minha vontade era de ir com os meus colegas. É claro que se meu pai tivesse tido comigo o comportamento que eu tive com você e seu irmão, eu não tinha feito Edificações, teria feito Eletrônica. Sempre fui um curioso de computador, mas que como eu ia conhecer sem ter um? Fui ter meu primeiro contato em 1992 ou 1993, um começo bem difícil. Meu pai tinha até uma teoria de que os engenheiros ficariam velhos e sobraria mais mercado para a gente do que para os caras de Eletrônica, que era a área em crescimento da época. Eu fui guiado para a obra. Na verdade, me deixei guiar, como eu sempre fiz na vida. Sempre deixei a vida me levar para onde ela quisesse e eu simplesmente fui atrás, não estabeleci o destino, caminhei para onde a vida me encaminhou. Porque você pensa: eu, com 12 pra 13 anos, estava na quinta série, entrei no Guaracy três anos depois, em 1985, e terminei em 1988. Ali, a empresa já era o meu caminho. Não nasci para ser empresário ou para ter empregado, a encheção de saco e a dor de cabeça são muito grandes, mas aceitei como missão.

Izaías pai ou empresário?

(Traços herdados vão e voltam na minha cabeça ao escrever essa história. Quando fui conversar com Tio Lula, meu padrinho, pensei no empreendedorismo. Desde que conheço meu tio, ele tentou os mais variados tipos de empreendimentos, de dono de boteco a manutenção de celular e loja de ferramentas. O pai dele abriu empresa com 34 anos e seguiu nessa luta até os últimos dias em que trabalhou. Curioso se as duas jornadas tinham influência na outra, perguntei pro Tio Lula:) Eu cresci dentro da obra, Pedro, adorava as férias para ir na obra, brincava catando fio. Aliás, mais do que isso, eu nasci e cresci dentro de uma empresa, já que nunca houve uma separação entre o escritório da Barros & Lobo e a residência dos Lobos, sempre foi tudo junto e misturado. Esses foram os exemplos que eu tive dentro de casa, um pai que sempre foi empreendedor, então não tem como fugir: sempre tentei empreender e acho que tem a ver com ele. Sobre os empreendimentos do meu pai, eu não digo que deram errado, porque deram certo num determinado momento, ele conseguiu educar os filhos, teve um patrimônio com altos e baixos, nem ficou milionário e nem ficou falido. Flutuou como tudo na vida, mas acho que nosso auge não durou mais justamente por essa falta de separação do CNPJ e do

CPF, principalmente nas contas — e isso não é coisa fácil de fazer, falo por mim também, que até hoje sofro com isso. Não é bom nem para a pessoa física e nem para a jurídica.

Para nós, o resultado foi que os filhos acabaram cada um indo para um lado, mesmo trabalhando na mesma área. O destino foi levando, foi um bolo que murchou. Mas eu lembro de uma época muito chata, de ter gente batendo na porta do meu pai no final de semana, para pedir um vale, um pagamento. E isso vem de não separar o Izaías empresário e o Izaías pai, família. Ele sempre foi família, até para os funcionários: se ele tinha dez conto no bolso e um funcionário pedisse como vale, por precisar de um 1kg de arroz, ele dava. Era esse lado bondoso dele, muito pai, e, hoje, para ser empresário você não pode ter esse lado pai. Está naquelas coisas que aprendi vendo ele, mas aprendi me arriscando também. Hoje, eu trabalho com um projeto desenhado pela minha irmã, sua tia Rita, e fazendo essa parte organizacional que um dia a Barros & Lobo fez. Mas sem cuidar de tudo em obras enormes, como a gente fazia: parei de pegar prédio inteiro por uma questão de estrutura mesmo, não dá para ser aquele que faz tudo, compra, orça, toca obra... é muita coisa, o desgaste é muito grande. Sempre gostei do desafio de empreender, desde quando eu mexia com informática nos meus primeiros empregos, mas nunca cheguei ao nível que eu queria porque eu trabalho muito, e quem trabalha muito não ganha dinheiro. Atualmente, depois de muito tentar, aprendi que para empreender você precisa ter uma estrutura mínima. E meus empreendimentos sempre foram na loucura, na base da necessidade, que é ruim, fica sempre patinando, por mais que pague as contas. No momento, eu, que nasci dentro da obra, estou saturado de obra, tentei sair várias vezes e não consegui. Vou e volto, mas estou cansado já.

Traços negros de um homem

(Com açúcar cristal em mãos para adoçar o bolo de cenoura, Tia Rita quebra a cabeça para lembrar se o avô trabalhava com cana de açúcar na roça. Acredita que não, voltando a pensar sobre os modos de vida da família, no passado.)

Eu acho a vinda do meu pai para São Paulo muito corajosa, e minha mãe também foi. Mas eles não se enquadram naquele perfil do retirante nordestino que fugiu da seca, da fome... porque o meu avô tinha uma propriedade, eles tinham criações de

gado, ovelha, galinha, porcos, plantaçõeszinhas de subsistência, então dentro do status da cidade, eles tinham uma posição boa, era uma família estruturada, tinham alguns bens e posses, como eles falavam. Só que a vida era simples e extremamente dura, todo dia acordar no nascer do sol, trabalhar, almoçar, trabalhar de novo e, no fim do dia, quando o sol se põe, você está pensando em dormir porque a vida se resume a isso. Dentro das posses dele, estava até uma casa de farinha, que sei que ele tinha. O problema é a história da divisão de herança com muitos filhos: quando os pais morrem, você pega o patrimônio e divide em muitos pedacinhos, vai dividindo, dividindo e vai ficando cada vez menor. Mas certamente eles tinham patrimônios, incluindo escravos. Talvez, o bisavô do seu avô, ou avô do seu avô tenha tido escravos. Isso é outra coisa curiosa, porque hoje em dia falamos tanto de sermos descendentes de africanos, mas isso, na família do seu avô, nunca foi uma coisa consciente, as pessoas não se consideravam negras de jeito nenhum. A ponto de uma tia minha armar um escândalo na maternidade por registrarem a filha dela como parda, que provavelmente era baseado na cara da mãe, já que o bebê nasce branquinho, com olhos meio cinzas, nem devia ter cabelo. O meu avô Joaquim tinha olhos azuis e era bastante branco, mas a minha avó Firmina, que casou com ele e era prima de primeiro grau, tinha uma pele muito branca e um cabelo muito crespo, mais que o dos filhos, embora o do meu pai seja mais crespo do que as irmãs dele, por exemplo. Minha avó se considerava branca, mas a irmã dela, a tia Isabel, era negra claramente, uma das peles mais escurinhas da família. Ela é irmã da minha avó, mas tinha umas coisas assim, eles não se consideravam negros nunca. E nem queriam ser. Tinha uma expressão, que eu ouvi algumas vezes, de que nós tínhamos que nos melhorar. Essa coisa de casar com negro, namorar com negro, não. Não sei nem quem dizia isso, mas era uma coisa que estava presente nesse espírito. Ao mesmo tempo que tinha isso, seu avô e sua avó sempre conviveram com todas as pessoas, de todos os tipos, de todos os jeitos. (*Nesse momento, lembrei da história que Tia Rose tinha contado, um namorado negro de Tia Rita que não foi muito bem aceito. Tive de perguntar*). Isso é um fato curioso. Em geral, minha mãe é muito simpática com as pessoas que ela conhece e está recebendo em casa, ela serve o café, é cheia de cerimônias para essas ocasiões. E esse rapaz foi meu primeiro namorado, já tinha uns 23 anos quando eu tinha 18, e estudava comigo no Guaracy. Ele era de uma família enorme, o caçula de 13 irmãos, algo assim, e morava no Embu. Alguns filhos sem pai, aquelas coisas

de famílias mais pobres. Ele estudava, trabalhava, e, se comparasse com os irmãos todos, ele já estava na escala do filho privilegiado e que teve mais acesso. Comecei a namorar com esse rapaz, contei pro seu avô, mas não imediatamente para sua avó, falei para ela depois. E não ter ficado sabendo primeiro deixou ela magoada comigo. Por achar que seu avô seria mais difícil, eu fui meio que pedir permissão para ele, antes mesmo de começar a namorar. E quando esse namorado foi em casa pela primeira vez, sua avó fez uma cara de decepção que foi mais forte do que ela. Não fez aquilo de propósito, mas ela não conseguiu se conter. Mais até do que meu pai, curiosamente, ela demonstrou um descontentamento. Eu não tenho memória do seu avô criar tanto caso com o rapaz, mas talvez a Rose saiba de coisas que foram conversadas que eu não sei, mas a minha mãe realmente não gostou. E tinha muito a ver com isso, com esse fator racial.

Ao mesmo tempo, tem uma lembrança que ficou marcada na minha cabeça: quando eu era bem pequena, enfrentava todas as questões de falta de autoestima com os meus traços, do cabelo cacheado, o nariz redondo, a boca grande. E a pessoa que me fez sentir bem com isso foi justamente meu pai, que era quem penteava meu cabelo. Foi numa vez em que ele estava penteando, penteando, e me disse que eu era uma princesa. Aquilo me deixou tão feliz. Alguém me acha uma princesa, meu pai me acha uma princesa.

(A vinda de um assunto sobre raça me saltou os olhos, principalmente por surgir espontaneamente em conversas diferentes, com duas de minhas tias. Tia Rose até sugere uma pergunta a ser feita para o Vovô). Se a gente pegar a família do meu pai inteira, começa pela mãe dele, sua bisa, que tinha traços negros. Meu avô Joaquim não, era claro dos olhos azuis, e podia dizer que era europeu sem problema, mas o lado da minha avó não. Mas todos eles sempre tiveram essa questão do preconceito racial muito grande, que para a gente era difícil de entender: Como meu pai, que descende de negros, pode ter preconceito em relação a isso? É um preconceito velado, mas de vez em quando escapa em um comentário, não aceitar o namoro da minha filha porque é um negro... É muito mais fácil se assumir um pardo do que um negro. Acho que, se você perguntar ao seu avô, ele não vai assumir isso de ser racista, porque nunca foi uma coisa clara.

(Não perguntei a ele se era racista ou não, mas questionei a história do namorado. Me disse que existiu uma conversa com Tia Rita, mas que não houve problema, foi resolvido na paz. Nas palavras dele, não era o rapaz certo para ela.)

A idade chega e complica tudo

(Minha vó, Mama, é cozinheira de talento mas também de cursos feitos, de gerações que cresceram com seu tempero e, nas minhas memórias mais quentinhos, estamos comendo suas coxinhas no intervalo das brincadeiras ou fazendo pão com o cilindro de Formica azul, feito pelo meu avô nos anos 1980. O furacão constante na cozinha, de panelas para 15 mãos e respingos inimagináveis por chão, teto e paredes, equivale à força com que a comida acaricia o estômago. Anualmente, ela abre uma fábrica de chocolates para quatro filhos, oito netos, cunhados, sobrinhos, agregados e quem mais cabe nessa lista de Páscoa. Quando me chama para buscar os da minha casa, vou tarde da noite, no que ela celebra brincando:) Já bati meu ponto, agora só pego em chocolate amanhã. (Na mesa longa, doze ovos de casca recheada e bombons dentro recebem atenção exclusiva de um ventilador velhinho, com pás azuis. Na ponta da embalagem colorida e brilhante, uma folha metálica, tem uma tirinha de fita crepe com nome inscrito, responsável por ditar o dono de cada um dos presentes. Quem escreve não é a Mama, mas Mariana, neta de 15 anos e filha da Tia Rose, que ajudou na tarefa de embrulhar os ovos durante a tarde. De costas para o doce, Vovô começa a dissertar sobre a mandioca que devoro com queijo furadinho e requeijão de corte baiano). Eu sou meio estranho, pra mim mandioca só presta assim, colhida da hora. (Algumas horas antes, ele colhia na roça a raiz que ele mesmo plantou, em visita solo à chácara do interior, como é rotina nos finais de semana. Mama concorda, criticando aquelas que circulam num carrinho de mão e vendidas na rua.) Pergunta para elas quanto tempo que elas não estão ali, não fica o mesmo gosto. (No que pergunto para quem é cada um daqueles ovos, o assunto volta ao chocolate, num estalo que vira afago pro Vovô. Do alto de um armário, Mama saca um pacote generoso de bolinhas de chocolate, ressaltando a nacionalidade belga, enquanto me entrega para conferir o anúncio grande da embalagem, Sem Adição de Açúcar.)

Mas é tão gostoso, Pedro, nem parece que é sem açúcar. Se deixasse, Gabriel e Carolina (outros dois netos, de 13 e 10 anos, filhos do Tio Lula) tinham acabado

com tudo, não tinha sobrado pro Vô. (*Ele sorri enquanto os dedos invadem o pacote atrás de algumas porções do doce amargo, o prazer de um sorriso diabético. A satisfação vira até preocupação levantada por Mama*). Eles não diriam que é sem açúcar se não fosse verdade, né? Eles sabem que quem compra é quem não pode comer doce, podia até virar caso de processo. Eu vou pegar esse chocolate e fazer uns bombonzinhos pro Vô, ele não vai ficar sem. (*Brinco com eles, ao redor da mesa: Ele se comportou nesse ano, está merecendo, Mama?*) Aham, foi um bom menino. Anda um pouco enrenqueiro, mas está tudo bem. (*Minha cabeça de neto queria saber com quem que ele anda encravando, mas Vovô desconversa:*) Chega nessa idade, a gente fica enrenqueiro mesmo.

(Das últimas vezes que o encontrei, ele sempre tem uma ponderação sobre a idade, algo que mudou. No telefone, pensamento de alguém que trabalhou com obra praticamente a vida toda:)

Estava lembrando, filho, que quando comecei a construir a chácara eu tinha 50 anos. Uma disposição que era coisa de louco, muitos jovens de hoje não têm a energia que eu tinha, passava o dia inteiro no final de semana trabalhando lá. E comprei o terreno imaginando justamente o dia em que eu envelhecesse: surgiu a oportunidade de comprar esse lote, em 1984, e comprei como um investimento, já que o sonho do pessoal do interior era ter terra, falavam até em ditado que Quem compra terra, não erra. Ali, foram 13 anos sem começar a construir, até 1997, quando resolvi aproveitar os bons anos que tivemos e resultaram no cantinho que temos hoje. Meu pensamento é de que quem é moço, se não morre moço, envelhece. E se você quiser um lugar para ter mais sossego, poder descansar, nada melhor que o interior. Eu estava pensando no futuro, no amanhã, e valeu a pena, é um lugar que a gente aproveitou muito, aproveitamos ainda, tem muitas memórias.

Agora, quando você é velho muda tudo, eu tomo oito remédios e a médica me indicou mais um para tomar essa semana. Janto cedo, umas 18h30, e ando muito ruim para dormir, sempre dormindo tarde, depois da meia noite. Isso quando o dedo do pé não incomoda, fica puxando, que aí eu perco o sono de vez, e acontece dia sim e dia não. Ontem já foi difícil, então hoje eu acho que vou conseguir dormir direito. A idade chega e complica tudo.

(Nesses dias, o aliado é um creme milagroso para a pele que passa nas pernas e joelho doloridos, negociado com uma moça de telemarketing que ele sabe por nome e teve a sorte de ligar para ele. No lado do sofá da sala, o dermatológico faz companhia a uma máquina massageadora que emite luz e tudo, também recomendada num desses golpes de sorte. A trinca é completa por chás e banhos naturais feitos por amiga das antigas, reservados em garrafas PET, com ervas de propriedades certeiras que os veteranos da família sabem de cor. As idas constantes ao aplicativo e consultório do Dr. Consulta, alternativa ao SUS — Sistema Único de Saúde —, enfim renderam uma melhora nos ouvidos, que há mais de ano vinham sendo nêmesis para Vovô, com dor e sem escutar direito. As conversas sempre precisavam ser repetidas pelo menos duas vezes. Depois do Bom dia ou Boa noite, ele sempre nos atualiza como vai o ouvido, ultimamente bem melhor; joelhos, que outro dia acumulavam água; e o dedo do pé, que às vezes decide agoniá-lo no meio da noite. Vovô está bem, nos últimos seis meses parece que se aposentou de vez, longe das obras numa mistura de opção com decisão do mercado. Por um lado, ele acha bom, quer descansar.)

Se ele quer, ele fala.

(Num dos últimos casamentos de família que assistimos, na igreja, meus avós estavam no banco logo atrás ao nosso, meu e de meus pais. E, em dado momento, na espera interminável dos noivos, Vovô viu de longe uma pessoa que não via há muito tempo, mudada, e na rapidez de um chicote cochichou bem alto para minha avó um comentário surpreso, daqueles que seria melhor que o alvo não escutasse. Não escutou, mas chegou nos ouvidos de todos nós nas proximidades. Olhei pro meu pai e demos uma risada de cara franzida, enquanto ele não perdia tempo e cochichava um pensamento na orelha de minha mãe. Algo sobre ingenuidade, que ao sentar para falar do Vovô, quis ouvir um pouco mais:)

Eu digo que meu pai é ingênuo naquele sentido da criança, que não tem filtro. Ele sempre foi assim, é algo natural dele, espontâneo. Hoje, as pessoas não falam o que pensam do outro, com medo do outro magoar. Mas meu pai não, no tempo de coordenador geral da igreja, numa das 500 reuniões que participava, ele falou na cara de um senhor influente na comunidade que as coisas dele davam errado, no meio de todo mundo. Eu estava nessa reunião e fiquei totalmente envergonhado,

não sabia onde enfiar minha cara, jamais teria falado na frente dos outros. Mas ele fala e é preciso ter um certo caráter para fazer essas coisas, porque é mais fácil falar pelas costas.

No final das contas, ele faz as coisas darem certo para ele, porque é uma pessoa agregadora. Trabalhar com gente não é fácil, sempre vai ter alguém que não gosta de você e acha que você não deveria estar ali. Ninguém faz nada sozinho, tem que contar com os outros, e conseguir juntar todo mundo em torno de um mesmo trabalho, que termina e fica bom... Um bom líder consegue fazer isso. Olhando os trabalhos que meu pai fez, ele tem essa qualidade de agregar, apesar das divergências. Na época que a gente tinha recurso, ele fazia festa para 500 pessoas, chamava todo mundo, até o cachorro estava convidado. E não pedia nada, ninguém levava nada, ele que tirava do bolso dele. E dar comida para cinco pessoas já não é barato, imagina para centenas. Meu pai não tinha muito apego com essas coisas materiais, mesmo porque não tem que ter, já que a gente vai embora e as coisas ficam aí, algumas vão até jogar fora. (*A essa altura, as respostas já se misturam com o Quem é seu pai? Outra das respostas que queria ouvir do primogênito:*) Meu pai é uma pessoa sociável, foi coordenador dos encontros de casal um, dois e três, este último a nível diocese, nas igrejas da região toda. E... é um bom pai, no espírito do tempo dele, um homem do tempo dele.

Tio Jó, companheiro de uma vida.

(Depois do meu avô, um dos personagens que mais aparece neste livro e nesta história é Tio Jó, irmão mais velho de Vovô, que morreu no Natal de 2022. Não é à toa, já que a lembrança dele segue muito forte nas palavras e nos assuntos de família. Em Vovô, essa não é uma ferida curada:)

Desde que o pai dele morreu, Jozinho tem me ligado quase toda noite, conversamos muito. Eu senti bastante a morte de Jó, ainda não estou recuperado, diferente de mamãe, que já estava chegando no final da idade, eu estava mais preparado. É um pouco diferente. E Jó sempre foi problemático, sempre brigou muito. Às vezes, fico pensando: mamãe tinha uma mania de que quando pegava para dar um coro em Jó, depois que ele aprontava, me batia junto também. Paguei muitas por ele. Lembro que passamos numa roça de melancia uma vez, tínhamos uns sete ou oito anos, foi nos anos 1950, e Jó saiu quebrando várias, de

perversidade mesmo. Papai deu um coro nele e deu em mim porque eu estava junto. Mas o que eu ia fazer? Não tinha jeito. (*Vovô fica bravo com a punição dos pais, questiona como se tivesse acontecido ontem, como se a surra ainda doesse. Das lembranças com o irmão, muitas são de maldade ou traquinagens, traço herdado da tia Elisa, mas uma que não era tirou um sorriso na mesma hora:*) Você sabe que minha infância foi diferente da de Gabriel (*neto de 13 anos, filho do Tio Lula*), do seu pai, por exemplo, brinquei na medida do possível, tive que amadurecer muito cedo, ajudar meu pai com as coisas. Mas não tenho nenhuma revolta, nenhum arrependimento, não tinha isso, não tinha aquilo, não tinha celular... mas tinha outras brincadeiras que a gente fazia, se encontrava com outras crianças. Lá por 1952 ou 53, quando eu tinha uns cinco anos, tinha bastante pé de coqueiro na casa da minha avó Elisa. Estávamos lá e Jó encontrou um coco seco no chão, chegou com ele na mão e eu decidi que queria um também, lógico. Fui atrás. Cheguei no coco, não tinha nenhum bom, então eu deitei debaixo do coqueiro pra esperar o coco cair. (*Vovô ri das ideias de criança*). Quando mamãe sentiu falta de mim e foi atrás, o urubu já estava rondando para me comer, achando que eu estava morto. E se caísse em cima de mim? (*damos outra gargalhada*) Coisa de criança, que eu e Jó vivemos juntos.

(*Vovô pagou muitas por Jó. E, nos últimos seis meses, desde o enterro, o irmão segue mexendo com ele. Ao pedir para Tio Lula descrever o próprio pai, existe um antes e depois da morte:*)

Quem é meu pai? Hoje ou no passado? Porque ele mudou, sempre foi uma pessoa trabalhadora, que nunca vi reclamar de serviço. Sempre foi um bom pai, muito carinhoso, e não era muito emotivo. Hoje, muito emotivo, mas acho que isso vem da nossa natureza, vamos ficando velhos e voltando a ser crianças, é o nosso ciclo da vida. Tiro isso por ele e por mim, nos últimos tempos tenho me emocionado muito fácil também. E notei que meu pai ficou muito mais emotivo depois do falecimento do Tio Jó, notei que ele ficou bem mais sensível. Ele mudou depois dessa morte. A gente vai envelhecendo e criando algumas cascas da vida, mas depois vai ganhando mais bagagem, analisa sua vida toda e vai pensando no que fez, deixou de fazer, deveria ter feito... o que ainda dá para fazer. Esse sou eu falando de mim e dele. (*Perguntando pro meu pai, vejo pensamentos de caminho parecido:*) Tio Jó foi o companheiro de uma vida, nunca deixou ele, desde o tempo em que seu avô veio

da Bahia. Acho que a reação dele não tinha como ser diferente, é natural que ele tenha ficado mais sensível. Principalmente porque ele não esperava, ninguém esperava, foi tudo muito rápido, ele começou a ficar mal em setembro. Tio Jó sempre esteve ao lado dele... Claro que meu pai gosta dos outros irmãos, mas Tio Jó foi quem viveu mais tempo com ele.

Se emocionar é da natureza do meu pai e, com a idade, a gente vai ficando mais sensível. Porque, de alguma forma, a gente sabe que aquela sensação, aquele instante, se encaminha para um término. Porque você pega um ser humano que viveu 75, ele não vai viver mais 75. Vamos criando uma certa consciência e... lidamos mal com a morte, todo mundo sabe que vai morrer, mas as pessoas não querem falar disso. Ele não era de se emocionar fácil assim, mas foi ficando emotivo com o tempo. A gente começa a perceber que a emoção daquele momento não vai mais se repetir tantas vezes quanto a gente gostaria. É um momento importante, mas de repetições limitadas. (*Pensando nesse carinho com Tio Jó, o companheiro, você acha que seu pai é carinhoso?*) Meu pai é carinhoso, eu que sou menos amoroso do que ele. Dessa família, filho, o mais amoroso que tem é você. Mais que eu, mais que meu pai, Luiz, Józinho. Nós somos amorosos de outro jeito, eu sou cuidadoso, cuido de vocês, mas não sou uma pessoa amorosa, é da minha natureza. E sou menos ainda que meu pai.

Mama com a palavra

(*No 51º inverno que minha vó vive em São Paulo, ela fatia pães dormidos e coloca numa assadeira, enquanto esquenta a sopa de legumes com costela. Me oferece um pouquinho, mesmo já jantado, e vejo a janela para perguntar do passado, coisa que varia muito. Tem dias que ela ama, tem dias que não quer tocar no assunto, o que me deixava com pé atrás. Um dos meus objetivos nesse trabalho era não deixar de ouvir minha avó. Na vez anterior que perguntei sobre a vida, ela falou pouco, se esquivou, evitando tratar de épocas que trazem um amargor a ela. Dessa vez, a uma semana de entregar o livro, a coisa fluiu, sempre caindo no mesmo tema: a saída de meu avô da Bahia e os primeiros anos de dificuldade em São Paulo.*)

A gente estava na roça trabalhando e ele falava: Ah, vou-me embora para São Paulo que eu vou formar meus filhos doutores, não quero meus filhos puxando enxada pro pé. E todo mundo tirava sarro dele, ria, porque ele falava com tanta

certeza que você acreditava. A mãe dele, que Deus o tenha, retrucava: Então, vai para merda, pra onde que tu vai?! Mas ele respondia: Eu mostro para você se não vou. Daí a pouco, quando a gente nem esperava, meu tio foi lá na Baixa Grande e foi conversando com ele sobre São Paulo, a situação. Meu tio tinha saído da Bahia há muito tempo, já tinha trabalhado no interior, depois com construção, e deu o endereço da casa dele: Ó, se você resolver ir, não tem erro, pega o ônibus e ele te leva lá no Rio Pequeno. E foi assim, Pedro, chegou em casa, eu estava lá com os dois pitelzinhos que era o seu pai e a Rita, que não tinha um ano ainda. Ele pôs as duas roupinhas dentro daquela malinha, os paninhos dele, e veio mesmo, com a cara e a coragem. Eu nem acreditei, mas não fiquei desamparada, não. Nós nos comunicávamos por carta, ele escrevia e a gente respondia que recebeu, que estava todo mundo bem, todos com saúde. A mãe dele sabia ler e escrever, então era ela que mandava (*Vovô, sentado do nosso lado, interrompe para explicar o esquema das cartas. Como no Jd. João XXIII não havia Correios, meu avô usava o endereço de uma farmácia na Rua Cunha Gago, em Pinheiros, ao lado de um ponto de ônibus. Fez amizade com os donos e passava lá todo dia para checar a correspondência, que demorava uma semana de transporte entre Baixa Grande e São Paulo. Volta para Mama:*) Logo que ele foi embora, a mãe dele escreveu dizendo que estávamos todos preocupados. Quando pensamos que não, era meia-noite e o teu avô chegava lá para nos ver, sem mais nem menos. Fazia tanto tempo que Rita estava até com medo dele... era tão pequenininha, não tinha conhecimento com ele, fazia meses que não via. Passou uns dias, conversou com a gente e voltou para São Paulo de novo. Seu vô era doidão.

Estou brincando, ele não era doidão, não. Ele não tinha medo de buscar o objetivo dele, porque, se você for conversar com os irmãos, vai ouvir que eles não teriam a coragem que ele teve, Raimundo mesmo fala isso. Nunca tinha saído dali da Baixa Grande, daquela cidadezinha, e, naquele tempo, vir para São Paulo sem conhecer ninguém, apenas com um endereço na mão... Seu avô não tinha vergonha e nem medo de arriscar, era sempre: Eu quero, posso e consigo. E quando chegou aqui, não ficou grudado na calça do meu tio, ele logo aprendeu a se virar, procurar os empregos dele. Naquele tempo, São Paulo estava sendo construída, era indústria, fábrica, em qualquer lugar tinha vaga, e nisso ele foi conhecendo o mundo aqui. Daí a pouco, já escreveu para a mãe dele dizendo que tinha comprado terreno com Jó,

que ia construir e me buscar. Aí eu pensei: bom, o que é que eu vou ficar fazendo aqui, com essas duas crianças? Vamos em frente, vamos ver o que a vida guarda para a gente. Minha única posição, que eu sempre deixei claro pro seu avô, era de que não vinha para casa de aluguel, eu só viria no dia em que ele tivesse um teto para nós morarmos, podia ser como fosse. Tanto que, quando terminou de construir um quartinho, já foi me buscar mais os meninos. A gente não tinha esse casarão que temos hoje e deixei pai, deixei mãe, deixei tudo lá, os pais dele, que gostavam muito dos meninos. E aquela viagem com Rita foi muito difícil, achei que ela ia morrer no caminho. Com um ano ela era uma bonequinha, muito bonitinha, mas a menina enjoava de um jeito... a gente estava em Minas e ela já não comia nada, só vomitava, em tempo de desmaiar nos meus braços. Não estava querendo reagir mais, de tão ruim que a menina estava. Foi aí que ensinaram que por ali tinha uma farmácia e o farmacêutico deu um Dramin para ela. Nisso ela foi reagindo, podendo comer uma fruta, melhorando. Mas nós não tínhamos experiência nenhuma em pegar estrada com ela, passei maus bocados com essa menina na viagem, e, naquele tempo, a viagem era tão demorada... saímos de Baixa Grande e chegamos em Itaberaba de manhã, ainda na Bahia, descíamos e esperávamos outro ônibus. Fomos pegar esse segundo só de noite e ainda era uma viagem muito demorada depois disso. Pois bem, viemos para São Paulo e não comemos do bom e do melhor, não, comemos do ruim e do pior. Comida nunca faltou para gente, mas passamos muita necessidade naquele tempo, ele fez o que pôde fazer, mas ganhava um salário contado, com contas para pagar, construindo a casa, comprando material de construção. Às vezes comprava para ir pagando. Como o dinheiro era pouco, você não conseguia tudo que queria, a gente se preocupava, não era fácil não.

E eu não podia trabalhar, se você saísse daqui e fosse para o lado de lá, em Pinheiros, via muita placa para diarista, cuidar de criança. Mas eu tinha os meus, não tinha com quem deixar os meninos, que eram duas espoletas, então não podia pensar em outros. Para mulher que não tinha estudo, eram esses os empregos que existiam. Aqui era lugar em que o filho chorava e mãe não via. Quando eu me vi sozinha aqui, com os meninos, eu só fazia chorar (*Mama nunca tinha me contado do choro. Insisti*) Se eu chorava? Pergunta pro padre se ele rezava a missa. Chorava por não ter o que fazer da minha vida, era difícil. Eu dava meus pulinhos,

no dia em que acabou o gás e não tinha dinheiro para comprar, eu fui fazer fogueira para gente preparar o café da manhã... Acendia embaixo da laje mesmo. Teve uma situação, filho, que acabou o sal. Perguntava pro Juca, pequeno, como a gente ia fazer para temperar o feijão. Tinha uma vendinha lá na esquina, da Dona Ruanita, e naquele tempo não tinha perigo da criança ficar em casa, falei pro Ju cuidar da Rita, não deixar ela sair para fora, e fui na vendinha pedir pra mulher me vender um sal. Ah, eu não tinha vergonha não, cheguei para ela e falei tudo, que não tinha como temperar o feijão para dar para as crianças e pedi para ela me vender. Disse o dia que seu avô ia receber dinheiro, para que eu fosse pagar, e ela falou: pode levar o que você precisar. Menino, no dia em que eu fui pagar, eu não fui chorando, fui sorrindo, porque eu estava pagando aquilo que eu comprei. E, a partir daquele dia, a mulher ficou com tanta amizade comigo que eu chegava e comprava o que eu queria, na base da caderneta. No dia em que ele recebia, me dava o dinheiro e eu pagava, porque a gente precisava em uma hora de emergência. Pedro, nós nunca estivemos sós, Deus sempre esteve do nosso lado, por incrível que pareça, além de muitas pessoas aqui no bairro. De acordo com a fé que eu tenho em Deus, e sei que seu avô também tem, sempre acreditei que eu ia vencer um dia, não ia ficar assim para sempre.

Depois disso, ele começou a trabalhar na fábrica de tinta, a Tintas Wanda, ia e voltava a pé. Mas tudo com ele era de repente: um dia chegou em casa e falou para mim que ia sair da fábrica. Invocou dizendo que lá não tinha espaço para ele, que já tinha conseguido o que tinha para conseguir, que ele queria mais, trabalhar por conta própria para ganhar melhor. Eu, com Luiz pequeninho, falei: estou ferrada. Mas Deus ajudou que ele conhecesse o Leopoldo, que tinha contato com as pessoas de influência e trazia os serviços para ele. E devagar ele foi se erguendo, por força de vontade, porque Deus estava com ele e ele também não tinha medo de se arriscar. E foi quando começou a trabalhar por conta própria que passou aquele tempo mais sofrido, porque um carpinteiro numa obra ganhava muito pouco, estava trabalhando, carteira assinada, mas não tinha tanta vantagem quando ele mesmo empreitar o serviço. Foi bem diferente, nem se compara. Se eu queria comprar uma roupa para mim ou para as crianças, ou mesmo um remédio, não precisava mais ficar preocupada se o dinheiro ia dar. Nossa vida triplicou, deu um pulo para cima depois que ele passou a trabalhar por conta própria.

(A imagem da minha avó, para mim e para os meus tios, é de uma mulher que sempre foi muito independente. Que começou a frequentar academia na faixa dos 30 anos e segue até hoje fazendo sua musculação. Faz encomendas de salgados, frequentou muitos cursos de culinária e sempre foi do João XXIII para Pinheiros, centro da cidade ou onde fosse para resolver a vida, comprar algo ou encaminhar o que é preciso, com boné na cabeça, bilhete de ônibus e chave de casa na mão. Perguntei para ela sobre tudo isso, que me ajuda com a linha temporal:) Ai, Pedro, quando eu fui inventar de fazer aqueles cursos da Arno, de pães e salgados, os meninos já estavam crescidos e na escola, caminhando com as próprias pernas, foi uns anos depois que Nino nasceu (é assim que ela chama o Tio Lula, um diminutivo de menino). Ele veio em 1978, eu tinha 31 anos, e foi quando eu deixei de criar cabelo, coisa que foi um choque para o pessoal da Bahia, quando eu visitava. Naquele tempo, mulher não tinha cabelo curto, então era diferente para eles, entre outras coisas: só pela roupa, batiam o olho e já sabiam que eu era de São Paulo. Mesmo com toda a pobreza que a gente vivia aqui, eu estava morando na cidade, não trabalhava mais na roça, até a pele mudava, era diferente. E mais: naquela época em Baixa Grande, mulher não usava calça, nem muito e nem pouco, era só saia ou vestido. Quando morava lá, eu não tinha nenhuma, não sabia o que era ter uma calça. Mas quando vim para cá, o frio era tão grande que eu me lembro de comprar umas meias compridas para colocar por baixo do vestido, por indicação do meu tio, que era o que me esquentava. Lembro que na semana em que Zete recebeu o primeiro salário dela, foi até o centro, na rua General Carneiro, e comprou uma calça comprida para mim, que eu vestia por causa do frio. Era um lugar que vendia roupa na rua, por camelô, e foi minha primeira calça, uma boca de sino ainda. (Mama cai na gargalhada lembrando do estilo de calças da época. Quando o riso acaba, volta para concluir o assunto do início da vida por aqui.)

Se você for fazer um livro contando a história de vida do seu avô, como você está fazendo, o começo foi assim: eu pedia a Deus para que um dia tudo melhorasse. Já te contei que, quando viemos, nem imaginava o que era um agasalho, não tinha isso. E quando chegamos, o frio era tão grande que de noite a gente não dormia. Ele me deu os documentos dele, que provavam que tinha endereço e carteira assinada, para que eu fosse em Pinheiros comprar um cobertor naquele carnêzinho. Mas eu sempre acreditei que nós iríamos vencer, sempre pedi nas minhas preces

uma luz no meio do caminho, e nunca faltou. Quando chegou o tempo dos meninos estudarem, Rose passou na faculdade para ir até Marília e ele bancou os quatro anos dela lá, pagando casa, comida. Juca também não passou na USP, que era o sonho dele, mas tenho certeza que hoje ele se sente muito realizado de ver você se formando lá. Eu não fui melhor porque a gente nunca consegue ter tudo na vida, tudo que você sonhou, mas vi meus filhos crescerem, nunca ficaram desamparados pela rua, sozinhos. Foi fácil não, pelo que eu passei até hoje, estamos muito bem. Além de Deus, seu vô batalhou muito na vida para chegar onde chegamos. Fez de tudo, não sei se você sabe, mas quando a família estava sem grana lá na Bahia, ele ajudava o pai dele a vender coisas, até cana seu avô já vendeu. Ele não gostava de trabalhar com enxada, por isso que ele encheu de coragem e foi experimentar a vida lá fora, cumprindo com o que ele falou: queria trazer os filhos dele para serem doutores, para não se criar puxando enxada pros pés.

Quando ele veio para São Paulo, eu ia para a casa dos meus sogros de manhã e voltava só de noite, que eu tinha minha roça lá. Zete ficava sempre em casa e cuidava do Juca para mim, enquanto eu ia trabalhando na minha roça. Essas mãos aqui trabalharam muito, hoje nem parece né, mas foram minhas travessias na vida. Eu tinha muita saúde também, não conhecia o que era remédio. Hoje já tenho que tomar meus remédios para as dores no joelho, que a idade chegou, né filho, mas não tenho do que reclamar. Estou usando a meia de tricô que sua Tia Rita fez e me deu, o pijama que Adelaide me presenteou e o roupão que sua mãe deu. Olha que sortuda que eu sou, o que é que eu posso reclamar da vida, meu filho? Tenho netos maravilhosos que me dão tanto prazer, tanta atenção. (*Achei a fala da Mama bonita e emendei comentando dos muitos anos em que está aqui, 51, mas ela não acreditou*) 51 anos? Não, não tem tudo isso que eu vim para cá, não. Vim pra cá no finalzinho de setembro de 1972... é, você tem razão, é que o tempo corre tão depressa.

As importantes redes sociais

A hospitalidade do Tio Irineu a Izaías, em São Paulo, também é assunto nos estudos migratórios. As chamadas “redes sociais” ou “redes migratórias” são relacionamentos estabelecidos no local de destino que ajudam a firmar os migrantes no local,

dando suporte e acolhida. No caso de Joaquim, pai de Izaías, essa relação também foi relevante anos antes, ao ouvir de um conhecido recomendações positivas sobre a cidade de Baixa Grande (BA), dando pontapé inicial à migração de Pataíba.

As redes também agem estabelecendo fluxos migratórios maiores entre um local e outro. Havendo uma comunidade de compatriotas em determinado lugar, há uma sensação de segurança e incentivo para que outros de mesma origem migrem para lá. Essas relações não precisam ser de mesma nacionalidade, podendo ser de amizade ou parentesco também. Nas palavras de Cunha, elas são importantes pois diminuem o impacto do movimento migratório, em conceitos bem estabelecidos no trabalho de Dulce Baptista, por exemplo.

Irritações de uma bucha de pia

(Eram dez horas da noite de um domingo quando Vovô queria que eu fosse para casa, já estava tarde. Ele me leva até a porta, comenta sobre os remendos que está fazendo em seu carro já velhinho e me agradece pela visita:) Você é um dos únicos que gosta de ouvir minhas histórias, pelo menos tem você. (Em seguida, lembra da pia da cozinha, irritado.)

Eu ando muito chato, Pedro, tem coisas que não entram na minha cabeça. Quando a gente lava a louça, tem que colocar a bucha no suporte fora da pia, para ficar fácil de achar. Mas sua avó insiste em deixar lá no meio dos pratos, já reclamei com ela, que me disse que fez isso a vida toda e eu nunca reclamei. Só que agora isso está me incomodando, eu não entendo como que pode fazer as coisas assim. Estou chato.

(Ao perguntar para Tia Rita quem é o pai dela, surgem muitas lembranças boas e, ao final, lembra de dizer que hoje em dia ele costuma se chatear fácil, está mais sensível, não só nas lágrimas que derrama em encontros de família.)

Seu avô sempre foi melindroso, mas agora que está ficando mais velho, ele está ficando mais. Ele é sensível, fica chateado fácil com coisas pequenas, e até mesmo reconhece isso, que fica aborrecido facilmente com o que as pessoas fazem e

falam. Eu tento falar para ele que esse é o grande exercício da vida, que é a palavra da moda agora, a empatia. Às vezes, ele está impaciente com algumas coisas, às vezes impaciente com a sua avó, e falo para se colocar no lugar dela. Algumas vezes, acha que as situações têm que ser lidadas da maneira dele, até porque ele conseguiu conduzir muita coisa do jeito dele, por muito tempo. Não é fácil dizer não para o seu avô, seu pai deve saber muito bem disso, já que trabalharam juntos por tanto tempo. Existe um senso de respeito muito grande, a gente não quer magoar nem decepcionar. Sabe quando se cria uma expectativa? Ele é assim, reclama que não vai na igreja porque o padre se acha dono do lugar, por ter feito meia dúzia de coisas. Talvez seja a idade, da gente ficar um pouco ranzinza. São coisas da vida, ele tem sofrido muito com dor no joelho, estou tentando convencê-lo a fazer um pouquinho de ginástica para ver se melhora, sair de casa também. A situação financeira do seu avô não é muito boa, a gente percebe que a cabeça e a atenção não são mais as mesmas. Conta a mesma história várias vezes, coisa que eu também faço. (*Tia Rita ri com a semelhança. Quando perguntei pro Tio Lula quem é o pai dele, ele me devolveu outra pergunta: Hoje ou no passado? Fiquei curioso e, num desses comparativos, surgiu irritação parecida com a da pia de louça. Nas palavras de Tio Lula:)*)

Ele também anda muito preocupado, se preocupa muito com todo mundo, filhos, netos... E até se preocupa demais, eu acho. Você nem chegou e já está atrasado. Ou não ligou para ele, não passou para visitar.

(*Vovô já não tem mais reuniões de pais e mestres ou da APM para frequentar. Mesmo assim, o ímpeto não vai embora e o atraiu para um encontro no posto de saúde, onde alguns profissionais conversariam sobre os problemas dos moradores, especialmente dos idosos. Quando voltou de lá, saiu indignado, doido para falar sobre.*)

É impressionante, Pedro, como parece que os velhos desistiram, não conseguem lembrar nem os remédios que têm que tomar. A reunião acontecendo e eles contando que precisam de uma lista com nome e horário de cada um para não esquecer, eu achei absurdo. Hoje eu tomo mais de dez todos os dias e não esqueço nenhum, não preciso ficar vendo em listinha, uso a memória. A gente tem que exercitar, não pode desistir assim, filho, não é possível. Na nossa época de firma, eu

sabia o nome e número de telefone de cada um dos proprietários que trabalhavam com a gente, não precisava nem de agenda. Agora, com celular, não sei mais o de ninguém, mas tem gente que não sabe nem o próprio número, dei até bronca na Cecília (*neta de 19 anos, filha da Tia Rita e irmã da Isabel*) esses dias, porque ela me disse que não sabe o telefone de casa e nem o da mãe. Isso é falta de interesse, Pedro, Cecília sabe a data de aniversário de todo mundo, decorou todos, como que não sabe os números de telefone mais importantes?

Eu já te contei como decoro nomes de pessoas? Isso é algo que eu sempre achei bom: fazer comparação. Se eu encontrar qualquer pessoa que se chama Pedro, eu vou lembrar de você. Um dia desses, abriu uma Drogasil aqui em cima, fui lá, conversei com a moça, ela perguntou meu nome e por educação perguntei o dela também: Luciana. Na hora, caiu a ficha que eu tenho uma prima chamada Luciana, filha de tio Eliseu, então jamais vou esquecer. A mesma coisa com gente que eu trabalhei faz 20 anos. Já te contei que estudei muito fora da escola e um dos assuntos que me interessei bastante foi a geografia da Bahia. Depois que saí da escola, procurei e decorei os municípios. Na sequência, temos Salvador, Feira de Santana e em seguida vêm as cidades pequenas: Anhanguera, Serra Preta, Bravo, Ipirá, Baixa Grande, Mairí no lado direito e Rui Barbosa no lado esquerdo. E Mundo Novo, na frente de Baixa Grande (*essa é a lista exata partindo da capital baiana e passando por grande parte das cidades em que meu avô pisou ou esteve cercado ao longo da vida. O grande mote de escrever um livro biográfico era o orgulho que Vovô sente de sua memória. Enche a boca ao dizer que lembra de tudo que aconteceu em sua vida desde os dois anos de idade. É curioso como isso casa com o grande mal que atinge os idosos da nossa família: o Alzheimer, que atingiu a mãe dele, o irmão Jó e, mais recentemente, a irmã, Zete. Durante a última Sexta-Feira Santa, um dos assuntos na mesa foi o diagnóstico dado pelo médico à ela, de que dali a dois meses a família pode desistir da memória dela. Pergunto para o Vovô da situação.*)

Me contaram anteontem que Zete anda muito ruim, disse que não tem irmão, não tem filhos. Depois falou que a filha era, na verdade, irmã dela. Não lembra das coisas, mas Antônio visitou essa semana e disse que ela já não estava tão ruim, melhorou um pouco. Até antes da pandemia, eu chamava ela para ir à chácara e eu via que isso fazia bem, saia de casa, decidia por conta própria lavar, ajudar com

alguma coisa. Mas com essa história de não poder se encontrar, ter que ficar em casa... tivemos que parar. Ficar deitado no sofá não vale a pena, se eu tivesse serviço eu não ficaria em casa.

(Tentando entender quem é meu avô pela perspectiva dos filhos, uma palavra muito frequente foi o trabalho, alguém que sempre trabalhou duro. Hoje, já não tem trabalhado tanto, mas me diz que a vontade dele é de não parar:)

Agora, se eu saio para caminhar, o pé esquenta e dói, porque minha circulação está ruim, mas eu ainda preciso fazer alguma coisa, não tenho vontade de ficar em casa. E eu ainda estou muito friento, nunca fui assim, mas o corpo muda: nesses dias de frio eu não tenho disposição nenhuma para sair de casa. Preciso me movimentar, hoje eu desci para a garagem, arrumei umas coisas, amolei umas facas. Fiquei a manhã inteira lá e isso me faz bem. Ficar deitado o dia inteiro só piora as coisas. Antes da pandemia, eu estava com uma reforma numa vizinha da sua tia Rita, mas tive que parar por causa dessa doença. Essa semana até me ligou um senhor, que já fiz reforma para ele, fiquei de ir lá e ver o que ele quer fazer, para entender se vou pegar o serviço. Mas surgindo alguma coisa, eu faço. Se for elétrica ou hidráulica pego eu mesmo, se não for eu contrato um pedreiro para fazer. Eu não posso jogar a toalha ainda, não.

Papai, missão cumprida

(Estudo é um tema que vem e vai ao ouvir os filhos de meu avô falarem da vida e da experiência com ele, as primeiras lembranças, as motivações. Na memória de Tia Rose, a passagem mais significativa na relação entre os dois foi justamente na faculdade, dia 15 de dezembro de 1995. Naquela data, a turma de fonoaudiologia da Unesp de Marília se acotovelava com os parentes e amigos no salão de um dos clubes da cidade, a Associação Desportiva Polícia Militar, para o culto ecumênico de despedida aos quatro anos de curso — a colação de grau seria no dia seguinte. Com vestido pomposo, minha tia se erguia em uma das cadeiras no meio da multidão, sob aplausos que ressoavam pelo espaço, para seu discurso como oradora eleita. Na plateia, seus pais, o irmão caçula Luiz e a dupla de vizinhos que fazia as vezes de motoristas, já que na época Vovô não dirigia. Sorrisos difíceis de esconder.)

Se você me perguntar qual é o momento importante do meu pai nessa história toda, uma coisa que me marcou muito foi o dia da minha formatura da faculdade. Como oradora da minha turma, uma das coisas que dizia no meu discurso era justamente sobre o apoio da família. E no instante em que começo a falar disso, olho para meu pai na plateia e ele está se debulhando em lágrimas, eu me segurando para não chorar junto. Minha fala era sobre a importância da família, que sustentou a gente esse período todo lá, e pro meu pai, especificamente, porque eu sabia que era o momento de realização do sonho dele. Porque ele saiu da Bahia, com uma mão na frente e outra atrás, acreditando nisso.

Durante aqueles quatro anos, ele aceitou que eu estudasse longe, me levou lá quando me mudei de vez, e uma das horas mais tristes foi a de ir embora, o abraço apertado, o choro que ele não conseguia segurar. Foi tão difícil para mim quanto foi para eles, minha família. As visitas eram só de feriado, as ligações só uma vez por semana, já que não podia gastar muito. Lembro que muitas vezes a gente ligava e só chorava, ou sentia ele com a voz embargada. Mas me apoiou em tudo, em todos os momentos, até por isso o sentimento naquela noite era de missão cumprida.

Naquele mês, embora tivéssemos idades diferentes, eu, Rita e Joaquim estávamos nos formando — Arquitetura e Engenharia Civil como cursos de cinco anos e o meu com quatro, já que eles entraram antes de mim. Minha memória é do instante em que meu pai me abraça e eu lembro da trajetória dele, da frase que eu ouvi a vida inteira, de nos ver doutores. Aquele era o momento mais concreto do sonho dele, não só por mim, mas por aquele mês todo, em que os três filhos conseguiam o diploma. Então, eu lembro de abraçar meu pai e falar isso pra ele: Você conseguiu.

Ao final, mais perguntas.

Encontrar uma história de sucesso em meio a tantas de insucesso, até questionando o que é esse conceito de ser bem sucedido, afinal, é uma dificuldade. Os métodos de um jornalismo interpretativo, aqui aplicados — presentes em *A Arte de Tecer o Presente* (1972), livro escrito por Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, que enfatiza a importância de tratar da história de vida dos anônimos, expandir o contexto social, ouvir diagnósticos e prognósticos dos especialistas, e trazer à reportagem raízes histórico-culturais — agem para tentar compreender os fatores que influenciam o fato, não explicá-lo. Durante o livro, os dons naturais são apontados como uma das diversas variáveis que contribuíram para que meu avô construísse uma vida satisfatória para ele e a família em São Paulo. Mas, para além das aptidões naturais para a carpintaria ou leitura de plantas, por exemplo, há uma série de micro influências do entorno que contribuíram. Ver o exemplo do pai como alguém com inquietações parecidas, que já havia migrado de cidade para mudar de vida; conviver com pessoas de poder e experiência nos eventos da região, desde a infância; encontrar na família incentivo para traços como o zelo, a ambição e o empreendedorismo, ainda que irmãos e primos tenham seguido caminho diferente cercados de ambiente parecido. Ao mesmo tempo, contar com pessoas ao redor que o incentivaram a tentar e ofereceram apoio prático: no momento em que o tio da minha avó, Irineu, aconselha que meu avô vá a São Paulo, oferece a própria casa como morada.

Outro fator relevante é o alinhamento com o cenário político e econômico do país, que está além do controle da população. Foi o “milagre econômico”, de 1967 a 1973, — de raízes muito fortuitas, como o próprio nome sugere — que permitiu a expansão da industrialização, a farta oferta de empregos no Sudeste e a ligação tão direta entre êxodo rural e mobilidade social. Se meu avô tivesse decidido se mudar três anos depois, talvez a janela já tivesse fechado, dificultado a passagem, como explicaram as fontes acadêmicas ao longo do trabalho. E, mesmo com o panorama geral favorável, ainda sim não foi sinônimo de sucesso para todos. Se perguntar para meus avós, é uma junção de perseverança com ajuda divina. Talvez a sorte tenha um papel nisso também? Ou o acaso somado à preparação prévia? Por que meu avô teve sucesso? Entendo que o trabalho não conclui sobre isso, não traz respostas, mas fatores que unidos ajudam a compreender e gerar mais um tanto de

perguntas. Isso partindo da ideia de que houve sucesso na vida. De maneira pragmática, se ele queria que os filhos estudassem e todos concluíram o ensino superior, no final das contas, o objetivo foi alcançado. Mas a vida não é feita de uma única empreitada: meu avô colecionou fracassos e acertos em várias das empreitadas aqui narradas.

Ao conversar com Tia Rita, ela enfatizou muito a perspectiva feminina dessa história, das dificuldades que a mãe dela, por exemplo, atravessou nessa jornada de migração e como se mostrou uma mulher muito forte e independente por aqui. É uma vertente abordada no intertítulo *Mama com a palavra*, mas que abre uma série de outras perguntas relevantes não abordadas aqui, só da visão das mulheres que viveram o boom brasileiro de migrações internas nos anos 1970. Na minha família, são mais de uma dezena delas, em especial vovó Lourdes, mãe de minha mãe, além da Mama, mãe de meu pai. Na maior parte das entrevistas deste trabalho, o termo utilizado é que meu avô foi “buscar” minha avó na Bahia, já que ela havia ficado por lá num primeiro momento. É uma terminologia que sempre me deixou com pulga atrás da orelha, mas que exigiria pesquisa mais aprofundada para questionar.

No processo de adaptação em um novo lugar e os choques culturais entre Baixa Grande (BA) e São Paulo (SP) dos anos 1970, está uma gama de perguntas que vejo rendendo outro livro, se quiséssemos. As mulheres que não usavam calça ou cabelo curto lá no interior baiano são um exemplo citado no livro, a não necessidade de ter uma blusa de frio no guarda-roupa, são diferenças culturais que chocam uma pessoa que viveu a vida toda sob outra lógica. Até onde as pessoas conseguem se adaptar a outro mundo? Minha bisavó Mindu, mãe da minha avó paterna, tentou viver em São Paulo e desistiu nos primeiros meses, era uma vida infeliz sendo tão diferente do que ela conhecia. Meu bisavô Joaquim, pai do meu avô Izaías, morreu alguns meses depois de chegar em São Paulo, em circunstâncias parecidas. Esses desafios e a experiência dos meus avós geraram todas essas interrogantes que circundam o tema.

Sinto que o trabalho nos dá mais ferramentas para estudar esse período histórico e nos ajuda a visualizar as pessoas, as histórias de vida, tão importantes, e que o dado isolado não mostra. Ouvir a história de meu avô e escrever sobre ela, ao

mesmo tempo em que cortei muita coisa, dá uma dor no coração, do apego de querer contar outros acontecimentos, fazer outras perguntas, incluir mais causos. Que passos parecidos meu outro avô percorreu? Que diferença isso fez? Isso sem falar naqueles migrantes que retornaram ao estado de origem, satisfeitos ou insatisfeitos com o caminho. Assim termino essa caminhada, com muitas perguntas respondidas e registradas, mas um tanto de novos questionamentos a ser perguntados.

Referências Bibliográficas

BAENINGER, Rosana. **Fases e faces da migração em São Paulo.** Núcleo de Estudos de População (NEPO)-UNICAMP, 2013.

BAPTISTA, D. M. T. **Nas terras do “Deus Dará”:** Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo”. (Tese de doutorado em Ciências Sociais) - São Paulo, PUC, 1998.

BOAS, Sergio Vilas. **Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens.** Summus Editorial, 2002.

BOSCO, S. H.; JORDÃO NETO, A. **Migrações:** estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1967. p.

DE CASTRO GOMES, Sueli. **Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos.** Imaginário, v. 12, n. 13, p. 143-169, 2006.

DE MENESSES, Ulpiano T. Bezerra. **A História, cativa da memória?** Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 34, p. 9-23, 1992.

ESTRELA, E. S. **Os sampauleiros do Alto Sertão da Bahia (Cotidiano e Representações).** (Dissertação de mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia da FFLCH,. São Paulo, USP, 1999.

FARIA, V. **O processo de urbanização no Brasil:** algumas notas para seu estudo e interpretação. Anais Encontro Nacional De Estudos Populacionais, 1., 1978, Campos do Jordão Belo Horizonte: ABEP, 1978.

FARIA, V. **Cinqüenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas.** Novos Estudos CEBRAP 29, São Paulo, mar.1991.

GRAHAM, D.; BUARQUE DE HOLANDA, S. **As migrações inter-regionais e urbanas e o crescimento econômico no Brasil.** In; Moura, H. Migração Interna, Fortaleza, BNB, 1980.

HOFFMANN, Rodolfo. **Desigualdade e pobreza no Brasil no período 1979-90.** Revista Brasileira de Economia, v. 49, n. 2, p. 277-294, 1995.

KOHLI, Martin. **Biography: Account, text, method**, 2005.

MARQUES, Ana Carolina Bianchi Rocha Cuevas; YAMAMOTO, Paulo de Carvalho. **Trabalhadores, ditadura e greve: uma interpretação crítica da influência do movimento operário para a transição democrática brasileira.** O Mito, v. 70, p. 168.

MARTINE, G; Camargo, L. **Crescimento e distribuição da população brasileira:** tendências recentes. Revista Brasileira de Estudos de População, vol. 1, núm. 2, 1984.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2009

MATOS, R. E. S. ; BAENINGER, Rosana . **Migration and Urbanization in Brazil:** Processes of Spatial Concentration and Deconcentration and the Recent Debate. Anais XXIV General Population Conference, 2001, Salvador. Brazilian Demography. Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2001.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano.** Summus Editorial, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática. 95, 96p. Princípios, v. 105.

MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **Narradores do autor-Jornalista.** Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura; v. 1, n. 1 (2018): nov. 2018/maio 2019. Revista Cajueiro: Ciência da Informação e Cultura da Leitura, v. 24, n. 2.

MELO, N. de A. **Do complexo rural à modernização agrícola brasileira:** a modernização da agricultura paranaense e os impactos na vida rural – uma análise do programa vilas rurais no norte do Paraná. Revista GeoAtos. Departamento de Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente, n. 11, v.1, janeiro a junho de 2011, p. 58-76

NERY, Vanderlei Elias. **A campanha Diretas Já e a transição brasileira.** Lutas Sociais, v. 18, n. 32, p. 240-253, 2014.

NORONHA, Eduardo G.; ERVOLINO, Ivan. **O poder sindical na ditadura e na transição política brasileira.** O Golpe de 1964.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. **A ditadura que mudou o Brasil**, v. 50, p. 30-47, 2014.

VIANA, N. **Memória e sociedade:** uma breve discussão teórica sobre memória social. Espaço Plural. 2006;7(14):8-10.